

Sumário do Eco de março-abril de 2007

Vida Espiritual

- 74 Carta de 2 de fevereiro de 2007
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 83 Quaresma de 2007
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 88 Feliz dia de Santa Luísa
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 90 Abandonar-se e deixar-se conduzir por Deus
Conferência feita na Casa-Mãe no dia da Renovação de 2007
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 93 Fortalecer a Pertença
Conferência feita na Casa-Mãe em preparação à Renovação de 2007
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 106 Pista para o retiro mensal: As dimensões do Espírito
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Atualidade das Províncias

Nomeações

- 111 Diretores Provinciais

Testemunho das Irmãs

- 112 Província das Filipinas: O Projeto Anislag para a construção de casas:
“Um passo”.

Irmã Maria Teresa Mueda, Filha da Caridade
- 116 Província da Nigéria: Visita do Padre Grégory Gay, Superior
geral e do Padre Carl Pieber, cm
Irmãs Anastasia Ezedimbu e Bernadette Onuoha, Filhas da Caridade
- 119 Província da Suíça Turca: A Província festeja seus 50 anos!
Irmã Bernadette Porte, Correspondente dos Ecos
- 122 Família Vicentina da Itália: “O amor é possível” sob a influência
da Encíclica *Deus Caritas est*
Irmã Maria Ida, Filha da Caridade

Notícias Breves

- 125 Um acontecimento sempre muito presente nos corações
(Província da América Central)
- 126 Um dia excepcional em Durrës (Região da Albânia)
- 127 Irmã Angela e Scotland Yard (Província de Turim)

História da Companhia

Fontes e Atualidade

- 128 Uma correspondência original entre Luísa de Marillac e Padre Vicente
Irmã Danièle Georges, Serviço dos Arquivos
- Especial do Centenário de nascimento de Mère Guillemin
- 133 Mère Suzanne Guillemin, Filha de Deus, Filha da Igreja,
Superiora geral da Companhia
II – Ao serviço da Companhia
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

MÈRE EVELYNE FRANC

Carta de 2 de fevereiro de 2007

Minhas queridas Irmãs,

A Celebração da luz, ligada à festa da Apresentação de Nosso Senhor no Templo, termina com esta bênção: *“Senhor Deus, luz verdadeira, fonte e habitação da luz eterna, faça resplandecer no coração de teus fiéis a luz que nunca se apaga...”*. Esta oração pareceu-me apropriada para começar esta carta de 2 de fevereiro, pois, nossa Renovação se enraíza n’Aquele que é a Luz e produz todos os anos, um novo abrasamento do fogo da caridade em nossos corações.

Todas estiveram bem presentes, em pensamento e pela oração, quando nosso Superior geral, o Padre Gregory, me recebeu em Roma para o pedido de Renovação. Descrevi-lhe a sucessão de diálogos que começaram no momento das comunicações com as Irmãs Serventes de cada Comunidade local. Destaquei a importância destas comunicações para todas nós, verdadeira *busca de fidelidade às exigências de nossa vida e missão de Filha da Caridade* (cf C. 36 b). Transmiti também ao Padre Gregory, o nosso desejo de ir além e falei-lhe da nossa alegria de servir nossos irmãos e irmãs, os pobres. Antes de tudo, pedi-lhe perdão pessoalmente, em seguida em nome de todas, de nossas faltas e desânimos. Nosso Superior geral nos concede a graça da Renovação para o próximo dia 26 de março, na festa da Anunciação. Portanto, vamos agora intensificar oração e reflexão para nos preparar a este ato, ao mesmo tempo, tão simples e tão grande, que nos oferece a possibilidade de nos renovar em nossa vocação, de reafirmar nosso desejo de viver de acordo com as Constituições e Estatutos

(cf. C. 96 a) e, por conseguinte, reanimar, avivar a chama de nosso dom a Deus, em comunidade, para o serviço de Cristo nos pobres.

Por ocasião da carta de 2 de fevereiro, em 2004, eu comecei um comentário sobre as Linhas de Ação e eis que este ano já estamos na quarta, a internacionalidade da Companhia. Como tratar de tal tema no quadro da preparação à Renovação de nossos votos? Confesso que hesitei bastante e finalmente decidi abordá-lo sob um aspecto particular, o da unidade de coração e a união dos corações.

O que eu chamo unidade de coração é a força de nossa pertença à Companhia, a capacidade de centrar tudo no Senhor e de dar tudo Àquele que nos dá a graça da vocação na Companhia das Filhas da Caridade.

Veremos em seguida, como fazer crescer hoje na Companhia nosso sentido de internacionalidade, de comunhão, de união de nossos corações e de nossas forças, a fim de retirar daí um dinamismo novo *para a promoção de toda a pessoa em todas as dimensões de seu ser* (cf. C. 24 e).

1. A INTERNACIONALIDADE, UMA DIMENSÃO DO CARISMA

A vida consagrada nasce do mistério da Igreja. É um dom que a Igreja recebe do Senhor, para testemunhar, de diversos modos, a caridade do próprio Deus. Por isso, a vida consagrada traz a marca, a impressão da universalidade:

“As pessoas consagradas são chamadas a ser fermento de comunhão missionária na Igreja universal, pelo fato mesmo de os múltiplos carismas dos respectivos Institutos serem concedidos pelo Espírito Santo em vista do bem de todo o Corpo Místico, a cuja edificação devem servir (cf. 1 Cor 12,4-11)... Sobressai assim o caráter de universalidade e comunhão, que é próprio dos Institutos de vida consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica... Eles estão também ao serviço da colaboração entre as diversas Igrejas particulares, entre as quais podem promover eficazmente a “permuta de dons”, contribuindo para uma inculturação do Evangelho que purifique, valorize e assuma as riquezas das culturas de todos os povos. Também o atual florescimento, nas jovens Igrejas, de vocações para a vida consagrada manifesta a capacidade que esta possui de exprimir na unidade católica as solicitações dos vários povos e culturas” (Vita Consecrata, nº. 47).

As Constituições afirmam da mesma maneira esta idéia: *“A Companhia participa da missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores, São Vicente de Paulo e Santa Luisa de Marillac”* (C. 1 a).

A Constituição 6 trata especificamente sobre a internacionalidade da Companhia : *“A Companhia é internacional. O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países através do mundo:*

- *por sua vida,*
- *por seus membros,*
- *por sua organização e representação,*
- *pela comunhão, colaboração e partilha entre as Províncias.*

Foi Deus, dizia São Vicente, ‘que quis esta Companhia de jovens de diferentes países e que fossem todas um só coração!’ (Conferência de 13 de fevereiro de 1646).

Desde a Conferência de 13 de fevereiro de 1646, de onde foi tirada a expressão “*Foi, pois, Ele que quis esta Companhia de jovens de diferentes países e que fossem todas um só coração!*”, São Vicente apresenta às nossas primeiras Irmãs, o que nós chamamos hoje de pertença à Companhia, como base da internacionalidade.

Nesta conferência extraordinária, que eu lhes aconselho de retomá-la na oração antes do dia 26 de março, ele descreve as origens da Companhia, explica que ela saiu da mão de Deus e evoca o estabelecimento das primeiras Caridades primeiro em Châtillon les Dombes, depois em Villepreux, em terceiro lugar na paróquia de Saint Sauveur em Paris mesmo. Em seguida, faz alusão às dificuldades das Damas no serviço, conta com emoção a chegada de Margarida Naseau, menina pobre da aldeia e os começos da Companhia em torno de Santa Luísa na paróquia de São Nicolau de Chardonnet. São Vicente fica encantado com os desígnios de Deus que: “*quis que uma fosse de Lorraine, outra de Sedan, uma outra de Angers e outras de outros lugares; e é aqui o lugar do qual ele falou: “Eu vos chamarei de todas as nações da terra”. Foi Ele que quis esta Companhia de jovens de diferentes países e que fossem todas um só coração!*”.

É importante destacar que este germe da internacionalidade está contido em nosso carisma desde suas origens. Com efeito, e nós bem o sabemos, São Vicente, empregando estas palavras “*jovens de diferentes países*”, não se referia à nacionalidade no sentido estrito de nossas primeiras Irmãs, mas à diversidade de suas aldeias de origem, e dos seus dialetos, de seus costumes e de suas culturas. Para construir uma verdadeira comunidade, ele insistia sobre o esforço pessoal de ultrapassar-se, o despojamento de si, a abertura de espírito e de coração, pedido a cada uma delas. Ele desejava ancorá-las solidamente no espírito da Companhia, diríamos hoje, que São Vicente queria fortalecer seu sentido de pertença.

2. A INTERNACIONALIDADE E O SENTIDO DE PERTENÇA

Certas pertenças, bem o sabemos, nos são transmitidas, por exemplo: nossa família, nossa raça; aliás, elas podem ser mais ou menos um fator de condicionamento. Outras pertenças são passageiras, a adesão a uma associação provém deste grupo; em seguida, há pertenças que implicam toda a existência, que deriva da fé ou da opção vocacional. Tais são nossa pertença à Igreja pelo batismo e nossa pertença à Companhia.

Esta pertença se fundamenta sobre uma convocação (Mc 3, 13-14). Fomos chamadas a ser Filhas da Caridade na Companhia; fomos convocadas a viver esta vocação com outras pessoas também chamadas pelo Senhor. A resposta ao apelo de Deus é inseparável para cada uma de nós da Companhia na qual solicitamos nossa admissão.

Todas, eu o sei, estamos conscientes da beleza de nossa vocação, da gratuidade deste dom de Deus, mas é bom, antes da Renovação nos interrogar sobre a qualidade de nossa pertença.

Com efeito, “*Frente às multi-pertenças e pressões que as solicitam, as Filhas da Caridade devem afirmar a sua pertença à Companhia*” (Instrução sobre os Votos, pág. 95).

Esta pertença se traduz:

- pela tomada de consciência de agir como membros da Companhia, comunidade de oração e fé e de serem enviadas por ela (cf. C. 5, E. 8);

- pela disponibilidade que nos ajuda a superar nossas próprias opiniões e nossos próprios interesses em vista do bem comum e permite à Companhia assegurar os serviços que lhe são confiados (cf. C. 31, c). Viver nesta atitude de disponibilidade permite nos aliviar do peso que nos impede de correr para chegar lá onde o Espírito quer que nós cheguemos. Para possuir esta disponibilidade, esta agilidade e esta mobilidade, devemos estar revestidas do Espírito de Jesus e não calçar senão sandálias evangélicas;

- por nossa participação e nossa co-responsabilidade a fim de que, quaisquer que sejam nossa idade, nossa função, nosso serviço, nos sintamos responsáveis em contribuir com todos os recursos de nossa personalidade e as riquezas de nossa cultura à missão comum. (cf. C. 35 a);

- pela coerência de nossa vida com as Constituições e os Estatutos que nos tornam livres para amar e nos convidam a tudo converter em amor (cf. C. 96 a);

- por um serviço exercido em nome da Companhia tornando-a visível (cf. E. 8 a);

- por nossa alegria e nossa resposta incondicional ao Senhor que fortalecem a fidelidade de todas (cf. C. 59).

Mas, todas nós passamos por fases em nossa vocação; períodos de paz e alegria sucedem os tempos de dúvida, de desânimo, etc. Às vezes, lutamos com a tentação de compreender a fidelidade somente como um vínculo pessoal com o Senhor ou um engajamento em tal serviço dos pobres. Em outros momentos, em vez de construir a comunidade, permanecemos numa atitude de consumidoras. E, de certo modo, o “consumismo comunitário”, é também, perigoso, e até mais do que o consumismo econômico, pois, ameaça sufocar, pouco a pouco, nosso sentido de pertença.

Se o laço de pertença enfraquece, relaxa, pode ocasionar atitudes mescladas de subjetivismo ou de individualismo. Os conflitos que têm relação com a identidade se manifestam nas dificuldades a nível de nossa pertença, como: a desmotivação, o cansaço, a tristeza. Além disso, nossa vida sofre o contágio de um mundo marcado pelo transitório, o fugaz; os sociólogos falam de pertenças porosas, fracas que não têm solidez e não consideram a pessoa integral.

Porém, o que **vivifica** nossa pertença, o que a torna mais profunda e mais firme, é a experiência do Espírito que une o Pai e o Filho, nos fazendo saborear a imensa alegria de ter sido chamadas e reunidas na Companhia para o serviço dos pobres. Esta experiência nasce da escuta da Palavra de Deus, da celebração cotidiana da Eucaristia, centro de nossa vida e de nossa missão, do aprofundamento dos escritos dos Fundadores e das Constituições, do tempo que juntas reservamos para a reflexão sobre a nossa vida diária e para a nossa formação pessoal.

A renovação anual de nossos votos, ato livremente feito e inspirado pelo amor, nos permite consolidar a nossa vontade de responder à vocação, garantindo a estabilidade de nosso serviço de Cristo nos pobres. Ajuda-nos a aprofundar e a fortalecer nossa pertença radical e total ao Senhor, na Companhia, para o serviço de nossos irmãos e irmãs os pobres (cf. C. 28 d).

*“Ensinai-me vosso caminho, Senhor, para que eu ande na vossa verdade. **Dirigi meu coração** para que eu tema o vosso nome. De todo o coração eu vos louvarei, ó Senhor, meu*

Deus, e glorificarei o vosso nome eternamente. Porque vossa misericórdia foi grande para comigo” (Salmo 85 (86), 11-13a).

3. A INTERNACIONALIDADE VIVIDA NA COMUNHÃO, NA PARTILHA.

Viver a comunhão

“A Igreja confia às comunidades de vida consagrada a missão particular de fazerem crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins, iniciando ou retomando incessantemente o diálogo da caridade... As comunidades de vida consagrada, nas quais se encontram como irmãos e irmãs pessoas de diversas idades, línguas e culturas, aparecem como sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de harmonizar as diferenças... Os Institutos internacionais podem realizar isso eficazmente, já que eles próprios devem enfrentar criativamente o desafio da inculturação e conservar ao mesmo tempo a sua identidade” (VC, 51).

Parece-me que esta passagem da exortação apostólica Vita Consecrata foi escrita para a Companhia das Filhas da Caridade!

Para São Vicente, viver a comunhão é participar *“do bem que faz todo o corpo!”* (Conferência de 31 de julho de 1634, página 1). Ele acrescenta que nós somos *“Irmãs que Jesus Cristo uniu com o laço do seu amor”* (Conferência de 19 de julho de 1640, página 14).

Nossas Constituições explicitam a idéia de comunhão no âmbito da comunidade fraterna em vista da missão. Trata-se de construir dia após dia esta comunhão no respeito e na confiança, com uma visão de fé que aceita as diferenças (cf. C. 32). Nos artigos dedicados à missão Ad Gentes (C. 25 e E. 13), a idéia de comunhão na internacionalidade está bem clara. Citemos particularmente o Estatuto 13 d:

“Todas as Filhas da Caridade sentem-se solidárias com aquelas que, na obediência e na fé, deixam família e país, e as sustentam pela oração, sacrifício, apoio moral e fraterno, e ajuda eficaz sob todos os aspectos. Estão abertas aos problemas específicos da missão Ad Gentes e partilham sua esperança”.

De certo modo, este Estatuto poderia aplicar-se à comunhão entre todas nós, à união de corações e de forças entre todas as Províncias da Companhia.

Por ocasião das visitas que as Conselheiras e eu mesma fazemos, ficamos impressionadas pela sede de notícias, pelas perguntas sobre todas as partes do mundo, de Magadan ao Haiti, passando pela China e a Casa-Mãe até as Ilhas Cook... Sei também que todas apreciam as notícias de família, os Ecos, a página web etc. Mas, penso que nós podemos ir mais além como Companhia nesta comunhão e nesta comunicação. Poderíamos aproveitar muito mais de nossa internacionalidade para nos conhecer melhor. Sei muito bem que em suas as Províncias, todas vivem muito bem a ajuda mútua; freqüentemente, as Irmãs idosas levam para a oração tal ou tal comunidade local da Província, tal ou tal Irmã; por que não estender esta boa iniciativa, este serviço tão precioso? Não cabe a mim propor-lhes um método, mas parece-me que os fortes laços espirituais que existem entre nós, poderíamos estendê-los a todas as Províncias, encarná-los de maneira mais criativa, dando-lhes rostos e nomes, etc.

Viver a partilha

Colocar tudo em comum, era uma característica específica das primeiras Comunidades cristãs, é também o sinal muito claro da vitalidade e da qualidade de uma comunidade vicentina. Neste domínio da colaboração, da partilha, temos já uma rica tradição na Companhia. Penso nas Irmãs que partiram e ainda partem em missão Ad Gentes e na generosidade de suas Províncias de origem; Tenho também em mente o espírito de partilha econômica muito significativa que se faz em âmbito da Constituição 90 e dos Estatutos 72 e 73. Mas, acredito que também podemos ir mais longe neste sentido.

Num mundo onde as desigualdades são tão escandalosas, onde vemos e sabemos que há tantas pessoas às quais falta o necessário, não podemos nos deixar levar pelo bem-estar, o conforto, os ídolos de nossa sociedade ou racionalizar como pessoas de “horizontes curtos”.

Aqui também, não cabe a mim indicar-lhes passos concretos, mas parece-me importante sempre discernir as nossas decisões pessoais, as decisões de nossas comunidades locais e de nossas Províncias referentes a pobreza pensando no aspecto mais amplo da Companhia.

Creio igualmente, que o campo da colaboração entre nós, com a Família vicentina e com outros colaboradores, em favor dos pobres, precisa ainda ser explorado. Nosso estatuto consultivo para o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas será um meio de colocar em comum as informações e proposições para a promoção integral dos mais necessitados, de todos aqueles que o nosso mundo esquece ou não quer ver. Unindo nossos corações e nossas forças, poderemos estabelecer uma rede de caridade, ajudar os refugiados, os migrantes mais eficazmente e lutar pelas mulheres e as crianças que são exploradas e tratadas como mercadorias.

Neste dia da Vida consagrada, em que, nós somos convidadas a celebrar junto as maravilhas que o Senhor realizou por nós, como dizia o Papa João Paulo II instituindo-o há dez anos, tenho a alegria de anunciar-lhes oficialmente a beatificação de Irmã Lindalva Justo de Oliveira em Salvador-Bahia, na Província de Recife - Brasil, no dia 25 de novembro próximo. É uma graça para sua Província, para todas as Províncias do Brasil e para toda a Companhia. Irmã Lindalva nos deixou um testemunho de pertença até o extremo na simplicidade de seu serviço de Cristo nos pobres; as circunstâncias de sua morte revelam sua adesão incondicional ao Senhor que a tinha chamado na Companhia. Vamos meditar sua mensagem e viver uma experiência nova com esta beatificação de uma de nossas contemporâneas cujas companheiras de Seminário, as Irmãs Serventes, a mãe e a família estarão presentes na cerimônia.

Finalizando esta carta, permitam-me emprestar de Santa Luísa as seguintes palavras que muito me impressionam por sua humildade e sua radicalidade: *“Meu Deus, confio-me à vossa infinita misericórdia e desejo, de modo irrevogável, vos servir e amar com mais fidelidade”* (cf. Escrito espiritual, página 782).

Rezemos juntas para que a próxima Renovação de nossos votos dê um novo elã à nossa vida espiritual; assim, nossas Assembléias domésticas serão um tempo de graça, de experiência de Deus em vista de nossa missão de serviço de Cristo nos pobres.

Que a Virgem Maria que foi toda humilde e toda doada, nos acompanhe em nosso caminho. Ela velará sobre a Companhia que ama! Em nome de todas, expressei meu agradecimento ao Padre Gregory por sua animação espiritual e por suas visitas às Províncias.

Ao Padre Javier, eu repeti também toda a nossa gratidão por seu acompanhamento vicentino e por sua ajuda na formação. Nossa oração se estende fielmente ao Padre Richard McCullen e ao Padre Robert Maloney, ao Padre Quintano bem como à Mère Duzan e à Mère Elizondo.

Com minha fraterna afeição e a certeza de minha oração por todas e cada uma,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

Quaresma 2007

À todas as Filhas da Caridade

Queridas Irmãs,

A Graça e a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em nossos corações agora e para sempre!

Ao iniciarmos este santo tempo da Quaresma, eu rezo para que ele seja um tempo para morrer e ressuscitar para todos e cada uma de vocês, minhas queridas Irmãs. Quando refletimos sobre a Quaresma, uma das passagens da Escritura que sem dúvida nos vem logo à mente e que me ajuda a ver o que o Senhor espera de nós é o do grão de trigo: “Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; mas se morrer, produz muito fruto” (Jo 12, 24). Que este tempo de Quaresma seja um tempo para morrer a nós mesmos, pessoal e comunitariamente, a fim de vivermos mais plenamente no Senhor Jesus, cuja paixão, a morte e a ressurreição são o foco para o qual converge toda a Quaresma.

Para que vocês possam viver plenamente a Páscoa do Senhor e acolher uma vez mais a vida nova trazida pela Ressurreição de Jesus, posso sugerir para sua meditação durante este tempo de Quaresma, que concentrem sua atenção sobre sua identidade própria como um membro da Companhia das Filhas da Caridade e que o façam por uma reflexão sobre sua maneira de viver as virtudes características que São Vicente claramente estabeleceu-lhes.

As virtudes características ajudam-lhes a manterem-se firmes diante de qualquer obstáculo que as impeçam de viver plenamente a vocação à qual foram chamadas. Como o sabemos, as virtudes características são estes valores evangélicos que São Vicente “particularmente admirava em Cristo”. São estas virtudes que lhe faziam reconhecer suas faltas e que ele se esforçava para viver, compreender e pôr em prática em sua própria vida. Eis aqui algumas reflexões breves sobre cada uma das virtudes características. Peço-lhes levar a sério o que meditam e que a graça de Deus as ajude nesta caminhada.

A SIMPLICIDADE

“*A simplicidade*”, diz São Vicente, “*é a virtude que eu mais gosto*”, (SV I, 284), tanto e tão bem “*que eu a chamo o meu Evangelho*” (SV IX, 606). “*Tenho uma particular devoção e consolação em dizer as coisas como elas são*” (*ibid*). Estas palavras podem nos ajudar a identificar a simplicidade em seu sentido real, o da verdade, sinceridade, transparência. Viver a simplicidade nos ajuda a evitar a falsidade dizendo uma coisa pensando em outra, ou dizendo uma coisa diante de uma pessoa e outra por trás. Somos chamados a ser simples, a

dizer as coisas como elas são, mas eu acrescentaria, sempre com caridade para com o outro. Como São Vicente nos diz, é a liberdade para falar com o outro *“com toda confiança e sem esconder e nem disfarçar nada”* (SV I, 284).

Há situações que exigem viver uma verdadeira simplicidade: quando os amigos se sentam e conversam juntos, até mesmo de questões difíceis, ou nas relações entre a Irmã Servente e os membros da comunidade, quando a comunicação exigida pelas Constituições acontece na maior simplicidade. A simplicidade deve estar também presente nos “neófitos” que buscam se comprometer a seguir Jesus Cristo na Companhia das Filhas da Caridade. A sinceridade é exigida da parte de seus membros em formação, especialmente nas suas relações com as formadoras e seus diretores espirituais.

A HUMILDADE

São Vicente chama-a *“a virtude característica da missão. Ó santa virtude, tu és bela! Ó pequena Companhia, tu serás agradável, se Deus te der esta graça!”* (SV XII, 204). Em seguida, ele diz mais sobre a humildade, *“é a virtude de Jesus Cristo,... a virtude de sua Santíssima Mãe,... a virtude dos grandes santos,... é a virtude dos missionários”* (SV XI, 56-57).

A humildade é a virtude que nos permite reconhecer e aceitar nossas fraquezas e nossos limites, ela cria a possibilidade de ter mais confiança em Deus e menos em nós mesmos. Ao mesmo tempo, a humildade nos permite reconhecer nossos talentos que são para colocar a serviço dos outros. É a virtude que permite aos pobres se aproximarem de nós. É a virtude que nos permite ver que todos são iguais aos olhos de Deus. Ao mesmo tempo, ela nos torna capazes de nos aproximar dos pobres.

Aqueles que são o oposto dos humildes são certamente as pessoas que têm o coração cheio de orgulho, com uma atitude que significa “eu sou melhor que o outro”, que olham as pessoas do alto. A humildade é a virtude que permite aos missionários inculturarem-se, em outros termos, serem apenas um com os outros, particularmente com os pobres. Como São Vicente diz em outro lugar, *“é o perfeito abandono de tudo o que vós sois e podeis ser”* (SV III, 279) tendo confiança n’Aquele que é nosso único Senhor, Jesus Cristo. Portanto, se nós nos estabelecemos na humildade, faremos desta Companhia um paraíso e as pessoas notarão o quanto nós somos felizes (cf. SV X, 439).

Para a Congregação da Missão, São Vicente tinha três virtudes características suplementares: a doçura, a mortificação e o zelo pelas almas. São Vicente certamente falou destas virtudes às Filhas da Caridade e à Senhorita Le Gras em diversas ocasiões. Se as analisamos com cuidado, podemos considerá-las como expressões diferentes ou as concretizações daquela que é a terceira virtude característica estabelecida para as Filhas da Caridade: a própria caridade. Por conseguinte, peço-lhes minhas queridas Irmãs, verem nas três virtudes que seguem, as diferentes expressões da própria caridade, aplicando-as, em sua meditação, a vocês mesmas, nas relações que têm com pessoas de sua comunidade e às que vocês se dão generosamente no serviço.

A DOÇURA

Eu chamo a doçura, a virtude vocacional, ou como o próprio São Vicente diz: *“esta insinuação ganha os corações e os atrai”* (SV XII, 189). E ainda: *“Se não se conquistar um homem pela doçura e paciência, de outro modo será muito difícil”* (SV VII, 226). As outras palavras que poderíamos utilizar hoje referindo-se à palavra “doçura”, seriam: gentil,

elegante, amável, simpático. De certo modo, ela é ligada à humildade, porque é a virtude que permite os pobres se aproximarem de nós. É a virtude que nos torna acessíveis.

A doçura não é agressiva, raivosa, barulhenta. É certamente uma virtude fundamental na comunidade. É a virtude que ajuda construir a confiança que os outros têm em nós, pois, quando somos gentis, os que são tímidos abrem-se a nós. São Vicente dizia: “*Não há pessoas mais constantes e mais firmes no bem do que aqueles que são mansas e complacentes*” (XI de SV, 65).

Um tema ligado ao da doçura é o da hospitalidade, que é uma característica que deve distinguir toda Filha da Caridade: uma pessoa acolhedora; uma pessoa atenta às necessidades dos outros, particularmente aos que vêm de longe.

A MORTIFICAÇÃO

É a virtude da Quaresma. Somos chamados a morrer a nós mesmos. É a virtude que nos impulsiona a nos doar, a pensar primeiro nos outros, sobretudo nos pobres, antes de pensar em nós mesmos. Assim dizia São Vicente: “*Os santos são santos por terem caminhado sobre [as] pegadas [de Jesus Cristo], por terem renunciado a si mesmos e se mortificado em tudo*” (SV XII, 227). Como também se diz a oração e a mortificação: “*são duas irmãs que se vivem tão estreitamente ligadas que não andam uma sem a outra*” (SV IX, 427).

O tempo da Quaresma é um tempo de oração e jejum. Jejuar significa muito mais que somente se privar de comer. É esta prática Cristã tradicional que nos ajuda a morrer a nós mesmos. Um dos perigos que nos chega facilmente é de querer nos poupar, a ponto de às vezes não querer fazer pequenos sacrifícios pelo outro. Um outro perigo é de pensar primeiro em minhas necessidades, minhas ocupações e, portanto, em meu conforto. Há nisto o perigo de não querer fazer um pouco mais pelo outro. Como São Vicente dizia: o dom da mortificação “*só se adquire por atos renovados*” (SV V, 436). Portanto, que esta Quaresma seja para nós um tempo para praticar a arte da mortificação.

O ZÊLO PELAS ALMAS (ou, como eu o chamo, a paixão pela humanidade).

São Vicente dizia assim: “Se o amor de Deus é um fogo, o zêlo é a chama” (SV XII, 307-308). É a consequência de um coração realmente cheio de compaixão. Trata-se da paixão por Cristo, paixão pela humanidade, e paixão especialmente pelos pobres. O zêlo é uma verdadeira virtude missionária. Expressa-se pela disponibilidade, o fato de estar disponível ao serviço e à evangelização mesmo quando idosos e doentes. Do mesmo modo, São Vicente dizia: “E eu, embora velho e idoso como sou, não devo deixar de ter esta disposição em mim, e mesmo passar pela Índia, a fim de ganhar lá almas para Deus” (SV XI, 402).

Ligado ao zêlo, há um sentimento de entusiasmo que chama à ação. Como São Vicente também dizia: “Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que seja com a força de nossos braços, que seja com o suor de nossos rostos” (SV XI, 40). Podemos compreender o zêlo como a expressão concreta do amor efetivo, motivado pela compaixão ou, em outros termos, como o amor afetivo. Como dizia São Vicente ainda: “Representai-vos, pois, há milhares de almas que vos estendem as mãos e vos chamam pelo vosso nome” (SV I, 252).

As virtudes evangélicas de humildade, simplicidade e caridade são o caminho pelo qual as Filhas da Caridade se deixam conduzir pelo Espírito Santo. As Irmãs

contemplam em Cristo e procuram expressar na própria vida estas disposições que as aproximam dos mais desfavorecidos (C 13).

A Quaresma é um tempo de graça particular. Que seja para vocês uma graça particular, a fim de ajudá-las a ser o que são chamadas a ser, membros da Companhia das Filhas da Caridade, fiéis em seguir Jesus Cristo, Servo dos pobres.

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory Gay, C.M.
Superior geral

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

Feliz dia de Santa Luísa!

14 de março de 2007

Querida Irmã Evelyne!

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja em vosso coração agora e sempre!

Nesta véspera da festa de Santa Luísa de Marillac, desejo-vos comunicar bem como a todas as Filhas da Caridade espalhadas pelo mundo inteiro, a minha gratidão por vossa maneira de viver hoje segundo o espírito de Santa Luísa de Marillac. Os tempos mudaram muito, mas vossa expressão de fé e o testemunho sempre vivo do Evangelho é mais do que nunca necessário no mundo de hoje.

Neste momento, desejo partilhar convosco algumas reflexões de um texto do êxodo que se refere a Moisés (Ex 3, 1-8, 13-15). Ele era pastor, um homem muito simples que se encontrou face a face com o mistério de Deus. Consciente de sua fraqueza, Moisés cobriu seu rosto porque temia olhar para Deus. O Senhor lhe diz: “Eu vi a miséria do meu povo, eu ouvi o grito dos pobres”. Moisés escutou humildemente Deus lhe dizer que o escolhera como instrumento para libertar seu povo.

Podemos dizer o mesmo de Luísa de Marillac. Foi uma mulher simples, que tinha um ardente desejo de conhecer a Deus, de encontrá-Lo. Portanto, consciente de sua fraqueza, ela descobriu com Vicente a miséria dos pobres na França. Escutou humildemente o apelo de Deus a tornar-se um instrumento de sua caridade para servir os pobres.

Rezo para que esta história seja a de cada Filha da Caridade através do mundo. Que na simplicidade, humildade e caridade, possam continuar a servir a Deus servindo seu povo, os pobres. Que a paixão que habitava o coração de Santa Luísa: conhecer mais profundamente a Deus, servir os pobres, encorajar as Irmãs da pequena Companhia a fazer da mesma maneira, vos inspire neste dia de festa. Rezo para que a Congregação da Missão e as Filhas da Caridade, unidos a toda a Família Vicentina, esforcem-se para viver sempre melhor o serviço afetivo e efetivo de nossos Senhores e Mestres, os pobres. Que Deus vos abençoe!

Seu irmão em São Vicente,

Padre Gregory Gay, cm
Superior geral

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Abandonar-se e deixar-se conduzir por Deus

Conferência feita na Casa-Mãe no dia da Renovação
26 de março de 2007

Estive recentemente no Japão e uma das primeiras coisas que eu fiz foi uma peregrinação à Hiroshima com a Visitadora, o Diretor e a Secretária Provincial. Para mim, constatar a capacidade destrutiva da “criatividade” dos homens para destruir bruscamente a vida de 200.000 pessoas foi uma experiência dolorosa. Mas, mais impressionante ainda foi ver os esforços feitos pela população de Hiroshima e de outras pessoas através do mundo para criar uma cultura de paz. A situação atual do mundo é ainda mais instável do que em 1945. As tensões entre as nações são muito fortes e o risco de guerras, ainda mais destrutivas, é bem possível. Mais do que nunca, o mundo, no qual vivemos deve desenvolver uma cultura de paz: adotar atitudes mais fraternas e mais respeitadas entre os indivíduos e as nações.

Preparando esta conferência, eu pensava no que eu poderia partilhar convosco neste dia da Renovação dos votos. Perguntava-me sobre o que deveríeis fazer ou fazer ainda melhor como Filhas da Caridade, discípulas de Cristo, para promover estas atitudes fraternas e respeitadas de todos e, assim, contribuir para o desenvolvimento da vida que Deus concedeu a todos os seus filhos.

Cada ano, vós renovais vossos votos desejando viver fielmente a missão de servir os pobres. Vós sois chamadas a revelar aos pobres que eles são amados por Deus e a acompanhá-los na prática de sua vida cristã.

Como eu vos falei, o mundo no qual nós vivemos é um mundo instável. Os povos e as nações estão em busca de uma realidade muito humana, uma realidade fundamental que nós chamamos segurança. As pessoas buscam esta segurança nos bens materiais. No famoso desenho animado intitulado “Peanuts - Snoopy”, um dos personagens chama-se Linus. Ele leva continuamente consigo uma capa: sua cobertura de segurança. Como discípulos de Jesus Cristo vivendo o carisma vicentino, cremos que a segurança não se encontra na posse de bens materiais. Pois bem, pela prática do **voto de pobreza**, recebemos a graça de desapegar-nos dos bens materiais e deixar Deus ser a nossa segurança. No entanto, somos influenciados pelos meios de comunicação e corremos o risco de sermos tentados pelos meios promovidos pela sociedade moderna. Portanto, é bom que neste dia, reafirmemos nossa entrega a Deus prometendo abandonar estas coisas e deixar Deus ser a nossa segurança.

Em nosso mundo atual, a necessidade de segurança se revela ainda mais no desejo de dominar, tanto a nível das pessoas quanto das nações. A título de exemplo, podemos constatar países como o Líbano e o Iraque que chegam a paralisar. São impedidos de progredir, de se desenvolver porque não houve uma tentativa séria de diálogo. Há uma contínua necessidade humana de esmagar o outro para assegurar sua vida e sua segurança. Estou convicto de que o **voto de castidade** permite estabelecer relações de igualdade entre as pessoas de boa vontade. Com efeito, quando sentimos o desejo de dominar, controlar ou manipular os outros ou ao contrário, a necessidade de ser dominado, controlado, manipulado, estamos em busca de segurança. A castidade nos permite abandonar-nos e desapegar-nos desta necessidade de dominar ou de ser dominado, de desprender-nos do poder. Tornar-nos impotentes é a

dinâmica da cruz. Jesus se fez pequeno para que tenhamos a vida. Jesus se abandonou e deixou que seu Pai do céu o conduzisse à vida nova pela capacidade de amar livremente.

Uma outra atitude do mundo no qual vivemos é: “Eu faço ao meu modo”. Isto expressa uma necessidade excessiva de ter minha visão das coisas, de estar apegado às minhas idéias, minha reputação, minha imagem e minhas certezas. Por esta maneira de fazer, nós queremos afirmar nossa identidade e encontrar nossa segurança. Na realidade, o que dizemos claramente é: “Que seja feita minha vontade”; como discípulos de Cristo, nós somos convidados a desfazer-nos de nossos hábitos, de nossas idéias, de nossa vontade própria para realizar a vontade de Deus. Isto exige que estejamos à escuta de Deus. Escutar Deus significa obedecer-lhe. O desafio ao qual devemos enfrentar é o de abandonar-nos, abandonar nossas certezas. Abandonar-nos, nos angustia e cria uma insegurança. Mas Deus nos dá a capacidade de nos abandonarmos a Ele pelo **voto de obediência**.

Como Filhas da Caridade, abandonar as posses, as pessoas e até mesmo nossas próprias idéias e certezas, liberta em vista do serviço incondicional daqueles que Deus nos confiou. Os votos nos libertam das posses dos bens, das pessoas, das idéias e das certezas a fim de estar livres para Deus nas relações de igualdade. Abandonar-se é uma experiência libertadora, mas temos sempre medo. Dizendo sim a Deus através dos nossos votos, recebemos a graça de viver esta experiência libertadora de nos desapegarmos das coisas, das pessoas, de nossas idéias e de encontrarmos nossa segurança em Deus. Atenção, não se trata de agarrar-se a Deus, mas de nos colocarmos em suas mãos, como Jesus o fez no dom total de si mesmo, desapegando-se de todas as coisas e das pessoas, entregando-se ao seu Pai: “*Pai, em tuas mãos, entrego o meu espírito*”. (Luc 23: 46)

À medida que nós nos aproximamos de Deus, nos aproximamos dos pobres. Aprendemos que através de um serviço incondicional e caridoso aos pobres, Deus nos torna radicalmente livres.

Minhas Irmãs, renovando vossos votos, vós vos comprometeis umas com as outras, vos comprometeis com os pobres e com Deus. Por vossas ações e vossa vida contribuís para suscitar novas atitudes naqueles que servis, naqueles que partilham da vossa vida, bem como em vós mesmas. Os frutos destas novas atitudes são: paz, alegria, liberdade, compreensão, compaixão, perdão e amor.

Felicidades, minhas Irmãs, pela Renovação de vossos votos: maravilhosa ocasião dada gratuitamente por Deus a fim de vos estimular mutuamente a construir um mundo mais justo e mais fraterno. O que nos é pedido de modo contínuo é o abandonar-nos e deixar-nos conduzir por Deus. E assim reinará a paz sobre a terra.

Padre Grégory GAY, cm
Superior geral

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

Fortalecer a Pertença (At 4, 32-35)

(Conferência feita na Casa-Mãe em preparação à Renovação 2007)

“*A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuía...*”. (At 4, 32-35). A pertença foi uma das preocupações das últimas

Assembléias gerais. Podemos evocar aqui a de 1985 onde se afirma que *“Face às multi-pertenças e pressões que nos solicitam no contexto atual, reafirmamos nossa pertença à Companhia”*¹. O documento da Assembléia geral de 1991 nos lembrou que *“A comunidade é nosso primeiro lugar de pertença”*². Encontramos a mesma idéia, com quase as mesmas palavras, no artigo 34 das Constituições: *“A Comunidade é o primeiro lugar de pertença das Filhas da Caridade”*. A Igreja entra na mesma linha que a Companhia. Citemos, por exemplo, o documento *A vida fraterna em comunidade*: *“É necessário, pois, cultivar a identidade carismática, também para evitar o “genericismo” que constitui um verdadeiro perigo para a vitalidade da comunidade... A esse propósito são assinaladas algumas situações que, nestes anos, feriram e, em alguns lugares, ainda ferem as comunidades”*. Entre estes perigos cita-se: *“um tipo de envolvimento em movimentos eclesiais que expõem alguns religiosos ao fenômeno ambíguo da dupla identidade...”*³

Por quê em nossa época é necessário falar de pertença? Com a chegada da modernidade primeiro, e da pós-modernidade depois, o ser humano ganhou uma importância, que nunca teve frente à sociedade e às instituições. Como consequência, hoje a pessoa é mais valorizada em sua subjetividade, mais respeitada em sua individualidade e em suas diferenças do que em épocas anteriores. Não há dúvida de que esta mudança tem sido muito positiva do ponto de vista humano e cristão. Basta recordar a afirmação bíblica: *“O Sábado é feito para o homem, e não o homem para o sábado”* (Mc 2, 28). Agora, não é fácil harmonizar, de modo equilibrado, a instituição e a pessoa concreta. Por conseguinte, o tema da pertença à Companhia, pode nos ajudar a manter este equilíbrio desejado e difícil. Em tudo isto, é necessário acrescentar o que alguns pensadores afirmam sobre a cultura atual, eles a vêem individualista, seletiva, sincretista com compromissos fracos. Trata-se aqui apenas de algumas características, mas estas podem afetar a pertença porque são como um convite a uma adesão parcial ao projeto global da Companhia.

VALORES QUE ESTÃO NA BASE DA PERTENÇA

Podemos falar de pertença em termo de identificação com a Companhia e o projeto que Deus lhe confiou. Como esta identificação pode ser maior ou menor, isto significa que a pertença admite graus diferentes. É preciso também dizer que a pertença não é um valor independente, está em relação com muitos outros. Podemos afirmar que a pertença ou sua deficiência é a consequência de todo um estilo de vida: quem tiver cultivado as dimensões particulares de sua vida, terá o sentido da pertença, quem negligenciá-las, se verá privado dela. Se tentássemos visualizar esta última idéia, poderíamos considerar a relação existente entre uma casa e seus alicerces: a casa é a pertença, mas não resistirá se não estiver fundamentada em bases sólidas. Os alicerces da pertença são valores fundamentais de nosso espírito. Vejamos alguns que garantem a nossa pertença, quando são vividos e trabalhados adequadamente.

1. O VALOR DA VOCAÇÃO E DA CON -VOCAÇÃO

Há alguns anos, Deus te chamou à Companhia. Somente por amor. Ele te colocou no melhor dos caminhos: o seguimento de Cristo no serviço de seus privilegiados, os Pobres. Deus te escolheu para continuar a vida e a missão de seu Filho. Deus te fez Filha de seu Amor, Filha de sua Bondade, Filha da Caridade. Todos estes acontecimentos que ocorreram na cena de tua vida, necessariamente te marcaram. Não é possível que tenhas vivido com tanta superficialidade. Recordar-se o que eles deixaram, é reforçar a pertença. Portanto, a experiência vocacional e o sentido de pertença guardam, na prática, uma relação muito direta.

Da vocação à con-vocação. É importante reviver a experiência teologal de terem sido chamadas, con-vocadas e enviadas pelo Senhor. Mc 3, 13-15 nos mostra uma experiência vocacional completa. Quanto a nós, é importante que esta experiência atravessasse os níveis psicológicos e sociais e se torne uma experiência teologal, isto é, uma experiência em relação com Deus e seu Reino. Evidentemente, este percurso deve estar muito ligado à oração e a uma consciência lúcida. Quando a experiência ocorre neste nível teologal, eu não posso deixar de olhar para aquelas que vivem comigo e aquelas que fazem parte da Companhia, como pessoas que Deus chamou como a mim, que foram con-vocadas para trabalhar, comigo, na tarefa concreta de cuidar dos pequeninos do Reino de Deus.

Esta experiência teologal contém uma energia suficientemente forte para garantir o amor e o respeito às minhas companheiras. Além disso, esta experiência é chamada a ser traduzida em uma corrente de “simpatia” amorosa que percorrerá todo o corpo institucional, até mesmo além das barreiras do tempo e do espaço. Com efeito, muitas outras foram chamadas antes de nós, e aquelas que já faleceram, agora fazem parte da Companhia triunfante. Para nós, estas são mediações às quais podemos e devemos recorrer. Devemos a elas a lembrança, o reconhecimento e a oração, como se faz em qualquer família. A experiência de ter sido chamada está muito próxima da pertença a um corpo do qual eu faço parte, mas que, ao mesmo tempo, me transcende. Portanto, ressaltar o valor da vocação e da con-vocação contribui para fortalecer a pertença, mesmo além da morte, como expressa muito bem o artigo 35c das Constituições. Neste sentido, é bom lembrar das Irmãs falecidas de nossas Províncias e de recomendar-se a elas. Rezar, por sua intercessão, reforça o sentido de família. Porque uma coisa é certa: há muitas Irmãs santas, mesmo que a Igreja nunca as canonize. As Províncias e as Comunidades devem invocar as Irmãs falecidas porque elas formam a Companhia triunfante.

2. O VALOR DA COMPANHIA COMO ALGO QUERIDO POR DEUS

São Vicente estava bem convicto disto: mais de dez vezes expressa esta convicção nas conferências às Irmãs: *“Quem pensaria que viria a haver Filhas da Caridade?... Pensava Deus nisso por vós. Foi Ele, minhas filhas, podemos dizer, o autor da vossa Companhia”*⁴. Santa Luísa tem a mesma convicção. Basta olhar algumas de suas afirmações, como a que transcrevemos a seguir: *“só Deus pode fazer maravilhas servindo-se de pequenas coisas e, às vezes, do nada... D’Ele vem todas estas maravilhas”*⁵. A missão, finalidade do chamado, é também querida por Deus. *“Por que Deus instituiu a Companhia da Caridade?”* pergunta-se São Vicente e ele mesmo responde: *“Para honrar Nosso Senhor e servi-Lo nos pobres”*⁶

Quando revisas a própria vida, deves reconhecer com muita gratidão que lá, onde o Senhor se manifestou, onde aprendestes a conhecer melhor Jesus Cristo e a segui-Lo, foi na Companhia fundada por São Vicente, isto é, neste conjunto bem articulado de mulheres e de estruturas que, dos Fundadores até hoje, procurou por todos os meios, ser instrumentos aptos do Reino nas mãos de Deus. Podemos dizer que, na Companhia, chegastes a descobrir o Reino de Deus, o “tesouro escondido”, a “pérola preciosa”. Como não amar e não sentir-se parte deste “corpo” que é “mediação” para vocês? Eu sempre escuto Irmãs expressarem sua gratidão para com a Companhia reconhecendo que recebem muito dela. Certamente, o essencial é Deus e o Reino; todo o resto, até mesmo a Igreja e a Companhia, são simples mediações deste Reino. Mas, percebe-se que o Reino de Deus e a mediação concreta deste Reino (a Companhia) estão tão estreitamente ligados que se sente totalmente imerso nela e com a firme decisão de fazer parte desta por toda sua vida. A mediação é sempre uma mediação, não é um absoluto, mas consideramo-la como um lugar de graça para a mesma, não um lugar de graça abstrato, mas bem concreto.

A Companhia não é apenas um lugar de encontro que termina produzindo identidade e pertença. Desde a sua fundação, a Companhia recebeu uma missão do próprio Deus; missão que se prolonga historicamente através do tempo e do espaço, que continua ainda hoje. É a Companhia que recebe e transmite esta missão às diversas comunidades e às Irmãs. Há uma única missão, embora os modos de viver sejam diferentes, é o que faz com que as Filhas da Caridade tenham uma identidade particular e que seu sentido de pertença cresça. Evidentemente, o horizonte comum do serviço integral dos Pobres dá à Companhia uma consciência, uma sensibilidade, um estilo e características comuns que não têm outras instituições que se dedicam a uma outra finalidade.

3. O VALOR DA FIDELIDADE

Logo de início, podemos afirmar que a fidelidade atualiza e purifica a pertença. Para isto, é necessário compreender que a fidelidade não é uma simples repetição de atos, um tipo de teimosia ou persistência sobre uma idéia ou um projeto que se gostaria de realizar a todo custo. De acordo com o documento da Assembléia geral, *Junto ao Poço de Jacó*, a fidelidade deve ser acompanhada por estes dois adjetivos: “criatividade” e “audácia”. Por conseguinte, a fidelidade olha mais o futuro que o passado. Se ela olha para o passado, é porque houve um projeto de Deus assumido em nossa vida. Se ela olha para o futuro, é porque este projeto deve ser vivido de uma maneira encarnada, exigente e realista. De acordo com esta última idéia, a fidelidade é abertura, docilidade à voz do espírito e à voz de nosso próximo.

Eu diria ainda mais, a fidelidade, antes de ser um programa de ação, é um exercício de contemplação. Com efeito, quando falamos de fidelidade, pensamos imediatamente em nossas incoerências e em nosso dever, mas nós não pensamos muito em ver, contemplar a fidelidade de Deus para conosco. Ora, é muito mais importante do que olhar para nossa conduta. Há ainda algo mais importante: se conseguimos viver a fidelidade, embora relativa, não é a nós que devemos isto, nem principalmente, nem exclusivamente, por nossas próprias forças; é somente graças à fidelidade de Deus que nós somos fiéis. Em outras palavras, só podemos tecer nossa fidelidade na fidelidade de Deus. Quando considerarmos a fidelidade sob este ângulo, ela se torna o eixo transversal de nossa vida, ela purifica nosso passado, nos abre de modo criativo, para o futuro, a partir do presente considerado como uma oportunidade. Desta maneira, a fidelidade reforça e reafirma o sentido de pertença a um projeto, a um estilo de vida e a uma instituição.

A fidelidade a serviço do passado

Quando a fidelidade se coloca a serviço do passado, sempre acaba purificando-o. Com efeito, à medida que progredimos, há pequenos acidentes de percurso, pequenas faltas a corrigir, eixo a reorientar. No Cântico dos Cânticos (2,15), esta verdade é ilustrada por uma bela imagem: o dono de uma vinha ficou encantado com sua vinha, ela estava verdejante, fresca. Mas, depois de um inverno muito forte, voltou a visitar sua vinha, e percebeu que pequenas raposas tinham feito alguns estragos. Não era coisa grande, só uma pequena devastação. Quais são as deteriorações que podemos notar olhando o nosso passado? Talvez, sejam feridas do passado não curadas que produzem, no decorrer do tempo, amargura. É, talvez, a nostalgia do passado que nos faz olhar para um tempo antigo que nos petrifica, como aconteceu com a mulher de Lot na fuga de Sodoma. Também pode se tratar de uma certa estreiteza de mentalidade que nos torna cada vez mais repetitivos e monótonos, fechados em nossos hábitos, incapazes de nos abirmos à novidade e à surpresa. Estes danos podem também acontecer pela distância crescente entre o que somos e o que dizemos. Quando a incoerência se desliza em nossa vida, ela produz desânimo e sofrimento.

O que fazer se encontrarmos algumas deteriorações? O dono da vinha agiu rápido: era necessário caçar e expulsar as pequenas raposas que tinham invadido a vinha (cf. Ct 2, 15). Como? Primeiramente compreendendo o passado como uma sabedoria que consiste em colocar a memória a serviço do reconhecimento. Usar a memória nos ajuda a reconhecer que a fidelidade de Deus é muito maior do que as nossas infidelidades. Na Escritura, esta característica de Deus atravessa todas as páginas: não é Ele que reconstrói as ruínas? (cf. Amós 9, 11), o que esquece as infidelidades (cf. Os. 14,5), o que remodela os vasos quebrados (cf. Jr 18), o que reúne os dispersos (cf. Is 43, 5), o que devolve a vida aos ossos secos (cf. Ez 37)? Deus sabe escrever direito com linhas curvas, mesmo se elas representam o pecado. “*Oh, feliz culpa, que mereceu tal redentor*” cantamos na noite do Sábado Santo. Assim, a primeira exigência de nossa fidelidade é acreditar que nós temos a possibilidade de ser remodelados e renovados. Deus é capaz de fazer uma nova criatura com os materiais deteriorados do nosso passado. Em outras palavras, quando olhamos para o nosso passado sob o ângulo da fidelidade, olhamos primeiro para a fidelidade de Deus antes de considerar nossas infidelidades. É isto que dá a paz.

A fidelidade nos faz ver o presente como oportunidade.

Quando alguém domina seu passado é porque já se reconciliou com ele e pode acolher o presente como uma oportunidade. Oportunidade para quê? Para perceber a passagem de Deus em sua vida e pôr suas capacidades a serviço da promoção dos pobres. O desânimo dos dois discípulos de Emaús se transforma graças ao reconhecimento da presença do Senhor entre eles (cf. Lc. 24, 13-35). É o tempo de partilhar, aqui e agora, o que se tem com as pessoas que Deus colocou em nosso caminho. Não se reservam as coisas para tempos melhores, para uma comunidade ideal que nunca existirá nem para uma missão com a qual sonhamos. A fidelidade criativa e audaciosa nos encoraja a aproveitar as possibilidades que o presente nos oferece. Investir aqui e agora, sem nostalgia nem sonhos desencarnados. A fidelidade, compreendida deste modo, dá olhos e mãos à nossa pertença.

A fidelidade nos faz olhar o futuro com segurança.

Ninguém conhece o futuro. O desconhecido pode nos angustiar se estamos sozinhos para enfrentá-lo. Se nós acreditamos que estamos nas mãos de Deus, o futuro não nos amedrontará e não nos angustiará mais. Nós o enfrentaremos com serenidade e paz. “*Não fiqueis aflitos... pois vosso Pai celeste sabe*” diz Jesus no Evangelho (cf. Mt 6, 31-32). Por que confiar no futuro? A fidelidade de Deus em nosso passado se torna uma garantia para confiar no futuro. Quando colocamos a fidelidade de Deus em nosso futuro, conseguimos dar à nossa vida e à nossa pertença uma certa serenidade que nos faz enfrentar lucidamente os acontecimentos ⁷.

4. O VALOR DA VIDA COMUNITÁRIA

É necessário “*viver umas com as outras numa grande cordialidade e caridade. As pessoas que são escolhidas para um mesmo exercício devem estar também unidas em tudo. Fostes escolhidas para a realização dum fim; mas o edifício não subsistirá, se vos não amardes reciprocamente, e este laço impedirá a sua destruição*”. (Conf. pág. 7). Este texto de São Vicente é uma boa introdução para este quarto valor que alimenta o sentido de pertença. Talvez, este aspecto comunitário seja o valor mais importante quando se trata de garantir a pertença afetiva e efetiva à Companhia, pois é na comunidade que se vive realmente, ou que não se vive, o espírito e a finalidade. O grau de pertença se expressa e se mede em relação a estes três espaços da dimensão comunitária:

Em relação à Companhia inteira

A Companhia inteira está presente em cada comunidade local que realiza uma missão comum. Em cada Comunidade, a Companhia inteira se torna visível. Cada Comunidade, cada Irmã deve se sentir membro do corpo da Companhia, instrumento de sua missão e unido à Companhia pelo mesmo espírito. Alguns sinais que sublinham a pertença de uma Irmã à Companhia são o amor, a estima e o interesse por tudo o que é a Companhia, por suas orientações e suas prioridades, pelo que se vive nela, e também pela preocupação em fazer tudo para que a Companhia seja o que ela deve ser. Estes valores sustentam nossa pertença.

Em relação às Províncias

O que dissemos acima é válido para as Províncias. É preciso acrescentar a disponibilidade para assumir diferentes serviços, a aceitação compreensiva das prioridades, os apelos e as orientações da Província reunidas no Projeto Provincial. Não devemos esquecer que o Conselho Provincial não é o único responsável pelos planos e projetos da Província; as Irmãs também têm sua palavra a ser dita. Desenvolvendo a participação e a informação, as Comunidades e as Irmãs se sentem mais co-responsáveis e seu sentido de pertença se reforça.

Em relação às comunidades locais

As Comunidades locais devem se sentir integradas à Província, enviadas por ela para realizar a missão que a Companhia lhe confia. E a Comunidade local, por sua vez, deve ser como uma mãe que aprecia, apóia, estimula e integra todos os seus membros. O Projeto comunitário serve para dinamizar todos os aspectos da vida e da missão das Irmãs. É importante que haja tempo para o discernimento e a comunicação. Estes são sempre necessários. O papel da Irmã Servente é importante. Com a ajuda de todos os dinamismos comunitários, ela pode contribuir de modo eficaz, para cultivar nas Irmãs a semente da pertença à Companhia, à Província e, então, por consequência, à Comunidade local. Por outro lado, manter-se numa atitude passiva ou de indiferença a tudo o que se refere à vida e à missão da Comunidade nunca será um sinal positivo de pertença⁸.

FRUTOS PRÓPRIOS DA PERTENÇA

A pertença é uma árvore com raízes e frutos. Até aqui, só falamos das raízes que sustentam a pertença. Agora, consideremos os frutos da pertença produzidos quando ela é alimentada.

1. UNIDADE NA MISSÃO

Pequeno esclarecimento prévio: quando nós falamos de missão nos referindo à Companhia, pensamos em sua finalidade que não é outra senão servir Jesus Cristo nos Pobres. Esta palavra “missão” inclui todas as formas de serviço, sem mencionar nenhuma em particular.

Quando existe a consciência de pertencer à Companhia, quando esta pertença se alimenta dos valores de base como as que foram apresentadas anteriormente, as pessoas que compõem uma Comunidade ou uma Província se encontram na missão. Esta é um elemento que reúne a Comunidade ou a Província. Entre a missão e a comunidade há uma lógica de enriquecimento mútuo: a missão cria a Comunidade e a Comunidade dá forças para realizar a missão. O texto dos Atos dos Apóstolos citado no título desta conferência, (vemos a

vitalidade apostólica dos discípulos de Jesus ao longo dos Atos) é uma prova do que nós dizemos. O zelo apostólico, desta primeira Comunidade, não é devido, em grande parte, ao fato de que *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma”* (At 4, 32). Não é necessário procurar a explicação desta união de pensamentos e sentimentos na afinidade dos caracteres, das idades ou de uma formação comum, mas na pessoa de Jesus Cristo, “motor” e “alicerce” desta comunidade. Jesus Cristo estava em todas as cabeças e em todos os corações de seus discípulos. É por isso que o texto diz que eles *“tinham um só coração e uma só alma”*.

Sabemos que a unidade na missão se concretiza através da pluralidade das tarefas. Como as necessidades dos pobres são múltiplas e variadas, as formas de serviços devem necessariamente sê-lo. O sentido da pertença nos ajuda a nos situar, corretamente e de maneira equilibrada, na unidade e na pluralidade da missão. É necessário sempre respeitar estas três condições:

1 - Cada serviço, realizado por uma Filha da Caridade, é realizado em nome da Companhia, em nome da Província, em nome de sua Comunidade que, antes fez um discernimento para aceitar este serviço. Um serviço assumido sem a aprovação da comunidade seria um projeto pessoal em lugar de uma missão comum, porque não é assumido pela Companhia, mas só por uma pessoa.

2 - A Província e a Comunidade conhecem bem as dificuldades encontradas, hoje, para realizar um serviço com competência e eficácia. Em nosso tempo, as Filhas da Caridade devem ser identificadas com sua vocação e preparadas profissionalmente. A instituição deve ter cuidado de formar as Irmãs e discernir suas capacidades para serem eficazes no serviço (Todas as Irmãs não são feitas para todos os serviços).

3 – Para encontrar o equilíbrio entre a unidade e a pluralidade no serviço, não se deve dividir a missão em “parcelas” com cercas de separação. Evidentemente, as formas de serviço e os ofícios são múltiplos, tanto quanto as Irmãs. Mas, não significa que é uma “caixa fechada”. As Irmãs se informam mutuamente e se interessam em cada serviço para alcançar esta missão comum ou esta unidade na missão. A unidade na missão deve ser vivida nos serviços concretos realizados pela Comunidade. A unidade também deve existir, antes e depois:

- Antes: pela preparação e o discernimento apostólico, pois a missão não se improvisa. É necessário discernir, programar, buscar as estratégias eficazes e vicentinas ao mesmo tempo. Toda a comunidade intervém para esta reflexão porque o discernimento já faz parte da missão.

- Depois: a avaliação que deve ser feita em comunidade; ela também é uma parte da missão.

2. UNIÃO DE CORAÇÕES

Eis uma outra dimensão da comunidade: é a relação que existe entre a pertença à Companhia e o amor fraterno. Aquele que tem um profundo sentido de família expressa este amor a seus pais e a cada um de seus irmãos e irmãs.

Não há dúvida que a Comunidade é para a missão. Poderíamos citar muitos documentos para respaldar esta afirmação. Citarei apenas o da Assembléia Geral de 1991.

Falando da vida comunitária, lemos: “*Aí vivemos não para “estar bem, juntas”, mas para encontrar uma força em vista do serviço*”⁹. A expressão importante é “encontrar uma força”. Claro, para cumprir a missão ou realizar o serviço, precisamos de forças, é uma evidência que não precisa de demonstração. Sempre foi assim, e em nosso tempo mais ainda, visto que os apoios sociais são cada vez menores. Se os apoios externos não existem mais, é necessário encontrá-los dentro da Comunidade. Onde está a “força da Comunidade”? Ela provém de várias fontes: uma delas é a da vida espiritual. Quem pode duvidar que a Comunidade é um lugar privilegiado onde o Espírito Santo age? Mas, no momento, paremos na dimensão humana e fraterna. Basta que cada Irmã colabore com um caráter aberto, otimista e alegre para que, na Comunidade, se instaure um forte potencial de energias positivas, capazes de estimular as Irmãs a viverem alegremente sua vida consagrada, revigorando as forças físicas e espirituais daquelas que estão cansadas por sua vida e sua missão, pela idade e suas misérias. Por outro lado, se reinar um clima de suspeita, desconfiança e de rivalidade, o ambiente comunitário termina ficando irrespirável e ninguém recebe aí o apoio necessário. Investir para criar Comunidades onde as relações humanas tenham uma real qualidade, é uma das coisas mais inteligentes do ponto de vista vicentino. Com efeito, uma boa Comunidade sempre assegura um bom serviço dos pobres e garante, ao mesmo tempo, o bem-estar de seus membros. Quando existe entendimento e união de corações, a Comunidade facilmente se torna uma referência para as Irmãs. Obrigado Deus, ouço sempre algumas Irmãs evocarem as boas recordações das Comunidades onde elas foram colocadas precedentemente. Estas Comunidades se tornaram, para elas, autênticas referências em seu seguimento de Cristo. Por outro lado, se a comunidade não cultiva os sentimentos de estima, de afeto, de interesse umas pelas outras, deixará de ser um ponto de referência e outras coisas irão substituí-la, perdendo assim, o sentido de pertença.

A união de corações vale para o espaço concreto e “reduzido” da Comunidade local, mas ela deve também estender-se largamente até a Província e a Companhia. O sentido de pertença torna possível este amor fraterno que, por sua vez, reforça a pertença. São Vicente dizia às primeiras Irmãs: “*Amai muito a vossa Companhia... porque é vossa mãe... ainda que remelosa; mas vós deveis amá-la*”¹⁰. Em seu seio, vive-se a fé, responde-se ao apelo de Deus e à missão; ela nos forma e alimenta. É nossa mãe. Criticá-la, é uma falta de estima ou um fraco sentido de pertença à Companhia? A crítica construtiva não é, em nada, um sinal de desprezo ou um fraco sentido de pertença. Quem não vê como positivo que uma Assembléia doméstica, provincial ou geral faça uma análise crítica sobre a maneira de viver a fidelidade ao espírito e ao serviço da Companhia na Comunidade, na Província ou a nível? Revisar as obras de acordo com os critérios de estar com os pobres ou o da criatividade e da audácia, só pode ser benéfico. Abrir novos caminhos sabendo que “*o amor é inventivo até o infinito*”, assumir o risco da novidade sem dizer: “*sempre se fez assim*”, só pode ser salutar¹¹.

CONCLUSÃO

O POBRE COMPLETA O SENTIDO DA PERTENÇA À COMPANHIA

Este ponto foi bastante desenvolvido ao longo desta exposição porque na verdade, a Companhia, bem como o fato de pertencer a ela, não tem outra finalidade que o serviço dos pobres. O último parágrafo especifica de que maneira a pertença favorece o serviço dos pobres através da vida comunitária. Podemos constatar na história da Companhia o quanto os Pobres permitiram à Companhia de se renovar e continuarão fazendo o mesmo em todas as suas dimensões, incluindo a pertença. O sentido do Pobre pode oferecer à pertença um certo frescor. Pois, a pertença pode se ligar com a instituição e vem o risco de se colocar ao serviço dos pobres com superioridade, mantendo uma certa distância com eles. Estou certo de que o

sentido do Pobre sempre será uma baforada de ar fresco para a Companhia, a Província ou as Comunidades. Os pobres nos ajudem a manter a flexibilidade necessária para não nos fecharmos em estruturas muito complexas, a nos inclinar com humildade para responder às suas exigências.

Padre Javier Álvarez, cm
Diretor geral

Notas

¹ Assembléia Geral de 1985 Na encruzilhada p. 4.

² Assembléia Geral de 1991 Junto ao poço de Jacó p. 12.

³ Congregação para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, A vida fraterna em comunidade (Nº46).

⁴ Coste IX p. 113-114. Conferência de 14 de junho de 1643 sobre a explicação do regulamento.

⁵ SLM III, 805

⁶ Coste IX p. 127. Conferência de 18 de outubro de 1655 sobre o fim da Companhia.

⁷ Cf. M^a Dolores Alexandre, *Círculo na água. A vida alterada pela Palavra*, Sal Terrae, Santander 1993, 107 – 110.

⁸ Cf. Fernando Quintano, *Pertença à Companhia*, “Ecos da Companhia” (1999) 264 – 266

⁹ Assembléia Geral de 1991 Junto ao Poço de Jacó p. 12.

¹⁰ Coste X p. 701. Conferência às Irmãs de 18 de novembro de 1657 sobre a uniformidade, a castidade, a modéstia.

¹¹ Cf. Fernando Quintano, *Pertença à Companhia*, “Ecos da Companhia” (1999) 267 – 268.

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

Pista para o retiro mensal

As dimensões do Espírito

(cf. Ef. 3, 18-19)

A Igreja precisa da presença ativa do espírito Santo. A Companhia, por sua vez, celebra com muito fervor a festa de Pentecostes porque entende que é o Espírito que a renova e vivifica constantemente. Se olharmos para história, deveríamos evocar aquele dia de Pentecostes de 1623, tão decisivo para Santa Luísa. Mas, eu também penso que dificilmente podemos compreender a história da Companhia sem percebermos a ação do Espírito Santo nela e nas Irmãs em particular. As histórias humana e divina se unem no Espírito Santo.

Pentecostes está em relação com a festa da Ressurreição que, no calendário cristão, acontece 50 dias depois. Pentecostes é um pouco como se colocássemos a Páscoa no coração de todos os cristãos, um pouco como se personalizássemos a Ressurreição de Jesus até os limites internos do ser humano, é revestir da Páscoa toda a vida de cada cristão. Pentecostes é democratizar a encarnação. O Espírito é o divino Hóspede que apresenta aos convidados o cardápio substancioso da salvação. Santo Atanásio dá a razão: *“pela participação do Espírito, entramos em relação com a divindade”*.

Há um texto de São Paulo que nos fala das quatro dimensões do Espírito. *“A fim de que possais compreender... qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade... conhecereis a caridade de Cristo”* (Ef 3, 18-19). Sabemos bem que é impossível medir Deus; impossível calcular, mesmo de um modo aproximado, as medidas do Espírito. Deus é imenso. Mas, precisamos de alguma maneira, colocar Deus em nossas coordenadas para nos

“apropriar”, pelo menos pela aproximação, de seu ser divino. A largura, o comprimento, a altura, a profundidade são dimensões de nossa geografia. Como o Espírito age nestas coordenadas para multiplicar a alma de cada crente? Parece-me que podemos encontrar estas dimensões na *Seqüência de Pentecostes*.

LARGURA

Uma das mais belas missões do Espírito é repulsar os limites e aumentar os espaços de caridade; repulsar as paredes da casa. Quase sem nos darmos conta disto, podemos nos fechar numa visão estreita das coisas. Podemos estar tão acostumados ao nosso meio de vida, aos nossos problemas, às nossas comunidades, às nossas obras, que ver um pouco mais longe do que nosso horizonte cotidiano pode ser quase impossível para nós. Onde está, então, a atitude aberta e acolhedora, o lado católico e ecumênico?

O Espírito nos impulsiona a sair de nós mesmos e a ir ao encontro do outro, a nos aproximar do ferido que está no caminho, a correr para o mais necessitado em relação harmoniosa com este outro Espírito que é o vicentino. Aquele que quer aprender, o Espírito ensina a abrir caminhos, a estabelecer pontes, a multiplicar meios de comunicação, a semear a reconciliação, a viver a comunhão na comunidade através do tecido resistente e sempre inacabado da solidariedade e da fraternidade. As *Linhas de Ação* nos convidam a ir “além” em todas as dimensões de nossa vida. Certamente, trata-se de uma insistência do Espírito em ultrapassar as nossas medidas, ditadas pela excessiva prudência humana. A largura do Espírito é a largura de um amor que não conhece os limites da exclusão, nem da divisão nem do rancor.

Espírito, tu que podes tudo, muda o nosso coração por um coração grande (cf. Ez 36, 24-28), onde se escute uma por uma todas as indigências e as aspirações do ser humano, todas as necessidades e projetos da humanidade. Os braços abertos de Jesus Cristo na cruz representam a largura do Espírito.

“Lavai o que em nós é sórdido, irrigai o que é árido, sarai o que está ferido... aquecei o que é frio”.

COMPRIMENTO

Às vezes, a urgência do carisma vicentino faz com que sintamos a angústia de nossa limitação, de não poder chegar até aqueles que precisam de nós, de não poder responder a tantas necessidades urgentes. Gostaríamos de estar junto daqueles que amamos e estar lá onde há tanto sofrimento na Terra. Gostaríamos de nos aproximarmos de todos os feridos, como bons samaritanos, de todos aqueles que estão feridos no caminho.

É o Espírito que nos envia estes desejos de presença prolongada, porque ele projeta os desejos do coração em todos os lugares. Para Ele, não há distâncias. Como este velho peregrino do Himalaia que pode chegar ao ápice em pleno coração do inverno, porque “seu coração tinha chegado primeiro”. O Espírito é como isto: sempre chega primeiro e nós o seguimos facilmente. Ele pode nos fazer chegar até o lugar mais distante do céu e da terra. Esta capacidade do Espírito para chegar tão distante chama-se: o amor.

*“Vinde, ó Espírito Santo, mandai do céu um raio de vossa luz.
Vinde, Pai dos pobres, vinde, distribuidor dos bens, vinde, ó Luz dos corações.
Consolador ótimo”.*

ALTURA

A pessoa foi feita para voar como as aves, não para rastejar como os vermes. Por isso, o Espírito se empenha em levá-la e elevá-la até à transcendência. A altura equivale à personalização, à dignidade e à liberdade. Quando o ser humano se levanta do chão para andar ereto, é então que começa a se tornar uma pessoa. O Espírito é o grande personalizador. Envias teu sôpro e os cria, dá-lhes vida, faze-os crescer, evoluir por etapas, colocas neles o desejo de superação e transcendência.

Altura significa também liberdade. O Espírito nos eleva para que sejamos livres. Não nos quer atados, agachados, esmagados, escravizados. Onde está o Espírito lá se encontra a liberdade, a dignidade, a pessoa. O sôpro do Espírito sempre nos liberta como o vento do êxodo, o da Páscoa ou o de Pentecostes. Quando os discípulos receberam naquele dia o vento do Espírito, eles venceram seus medos e suas amarras, a altura espiritual deles cresceu imensamente. Hoje, o Espírito continua soprando sobre nós para nos elevar bem acima de nossa baixa e de nossas tristezas. Se conhecemos isto, se crescemos, podemos também ajudar os outros a crescer, porque como disse Lesuer, *“aquele que se eleva, eleva o mundo”*, a comunidade ou seu irmão.

*“Concedei aos vossos servos que em vós confiam, os vossos sete dons.
Dai-lhes o mérito da virtude, o dom da graça final e o prêmio glorioso dos prazeres eternos”.*

PROFUNDIDADE

Se refletirmos bem, devemos reconhecer que vivemos com um certo grau de leveza, que nossas relações são freqüentemente superficiais, que o mistério das coisas nos escapa, que não sabemos interpretar os acontecimentos apesar de ter em casa um grande mestre no assunto: São Vicente.

Nossa cultura ou nossos costumes nos fazem viver, voltados para o exterior, sempre à escuta de algo, sempre em busca de satisfazer uma necessidade, aceitando a leveza do ser.

No meio desta realidade, é muito importante nos lembrar que o Espírito vem em nosso socorro e nos adentra nas profundezas da existência. *“O Espírito penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus. Pois quem conhece as coisas que há no homem, senão o espírito do homem que nele reside? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus”.* (1 Cor 2, 10-11).

Deus está no mais profundo de tudo. Deus não é tanto Todo-poderoso, mas antes o centro profundo de tudo. É o Espírito que nos dá a possibilidade de alcançar este centro interior, no mais profundo, na fonte de tudo. Ele nos ajuda a entender o sentido de tudo, até mesmo do que nos parece mais difícil de compreender, como a cruz. Ele nos ajuda a conhecer o secreto de nosso ser, porque há em nós zonas onde nós não permitimos ninguém entrar. O Espírito nos faz entrar no mistério de Deus e no nosso.

*“Ó luz beatíssima, enchei o íntimo do coração de vossos fiéis.
Sem a vossa graça, tudo no homem é vazio, tudo é nocivo”.*

PARA A ORAÇÃO PESSOAL E A PARTILHA

* Leitura meditativa dos Atos dos Apóstolos 2, 1-18.

- * Das quatro dimensões para as quais o Espírito nos impulsiona (largura = sintonia com a irmã (o); comprimento = compromisso de serviço; altura = vida consciente, digna, livre, responsável; profundidade = descobrir Deus na vida), para a qual delas sinto que o Espírito quer me conduzir nesta festa de Pentecostes?

Padre Javier Alvarez, cm
Diretor geral

NOMEAÇÕES

Diretores Provinciais

PROVÍNCIA DE VARSÓVIA: o Padre Kazimierz MALZENSKI foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 28 de março de 2007.

PROVÍNCIA DA GRÃ-BRETANHA: o Padre Kelly FERGUS foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, em 29 de março de 2007.

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província das Filipinas

O Projeto Anislag para a construção de casas: “Um passo”

Quando o tufão Reming (conhecido como Dorian) caiu sobre as pessoas que vivem na colina do magnífico e majestoso vulcão Mayon, na zona Centro-Oeste das Filipinas, no dia 29 de novembro de 2006, a vida parou literalmente e “a obscuridade cobriu a terra”. Lá, onde existia um exuberante campo verdejante, hoje há apenas rochas pretas, areia preta, águas pretas e barrentas. Lá, onde havia risos, colaboração e simpatia característica dos aldeões, converteu-se num silêncio de morte. Milhares de pessoas ficaram soterradas, algumas dentre elas nunca foram encontradas. Onde havia povoados, casas, pequenas propriedades, agora só existem recordações. A desolação foi tão grande que parecia impossível o retorno da esperança.

Através dos esforços desesperados de socorro, intervenções em tempo de crise e, em seguida, a reabilitação, as Filhas da Caridade assumiram a responsabilidade de uma pequena aldeia (Malobago) onde vivem 330 famílias na colina do vulcão. Embora só tenham perdido um dos seus, eles porém, perderam tudo: casas, produtos granjeiros, terras. Desde o início da tragédia até hoje, as Filhas da Caridade servem num Centro de evacuação onde os residentes são alojados em salas de aula e embaixo de barracas. Este alojamento é temporário – lotado, miserável, sem sanitários, sem intimidade, tal situação desconhecida só faz acentuar seu estado de choque e reforçar sua incerteza diante do futuro.

FOTO

Confiando na ajuda da Casa-Mãe, da partilha interprovincial, dos recursos da Província e da contribuição vinda das nossas diferentes escolas e instituições, dos amigos e benfeitores, a própria Província decidiu se engajar num **Programa de construção de casas** para as 330 famílias de Malobago. Uma equipe de Irmãs, liberada de sua missão habitual, se colocou ao trabalho, tarefa ambiciosa, pois nunca tínhamos passado por uma tal experiência antes: de empreender a construção de casas. Mediante a nossa decisão, muitas pessoas ficaram cépticas: “Como um grupo de mulheres que além do mais são religiosas podem pensar que podem fazer isto?”

Uma de nossas Irmãs que é arquiteta, elaborou um plano para as casas; com a ajuda de advogados de bom coração (que se tornaram depois nossos colaboradores), encontramos um terreno para construir. Então, de todas as partes, chegaram ajudas e conselhos inesperados. Todos os moradores da zona se tornaram atores nos prometendo participar até o fim da construção das casas. Colocamos a primeira pedra da primeira casa no dia 7 de fevereiro, festa da Bem-aventurada Rosalie Rendu e a terminamos em 10 dias. O Padre Grégory, Superior geral, a abençoou no dia 17 de fevereiro de 2007 quando visitou o lugar.

A primeira casa foi o símbolo de uma vida nova e de novos começos para os habitantes de Malobago.

FOTO

Para nós, Filhas da Caridade, empreender a construção de novas habitações para os habitantes de Malobago foi um *primeiro passo*.

- Passamos da timidez à audácia. Nossa única arma era a certeza de que era o que Deus queria e a convicção de que esta decisão era PARA os pobres, os sem teto e os sem esperança.

- Passamos da ignorância à ingenuidade e a um melhor julgamento. Vimo-nos obrigadas a lidar com organizações governamentais e não governamentais, com empresários e executivos a usar nosso bom senso e nossa capacidade de pechinchar e negociar.

- Passamos do sentimento de trabalhar confortavelmente entre nós a uma verdadeira colaboração e a uma parceria crítica com os grupos nacionais e internacionais (Organização Internacional das Migrações, Programa Alimentar Mundial, UNICEF, OXFAM, Ministério nacional do Alojamento, as unidades governamentais a nível local e os Centros de Saúde rurais), e a trabalhar apesar de nossas diferenças de posições, de valores, de processos para alcançar um objetivo comum: um telhado para os sem teto.

Para os habitantes de Malobago, a plena participação na construção das suas novas habitações foi o *segundo passo*.

- Passaram de um sentimento de desespero a uma verdadeira esperança. Eles iam ter casas novas. Iam construir a vila que haviam perdido. Seria diferente, mas novas possibilidades se abriam para eles. Participaram de todas as maneiras possíveis. Não eram mais abandonados.

- Passaram do estado de vítimas ao de verdadeiros sobreviventes da destruição. Eles continuam trazendo em seus corações e rostos, as recordações da tragédia e do que eles perderam, mas o melhor se impôs nestes Filipinos: a fé na Providência, o amor da família, a capacidade de fazer tudo quando a situação o exige, e a força de espírito para enfrentar o sofrimento.

- Passaram do estado de receptores de ajuda e apoio para a participação ativa e responsável recriando suas vidas e modelando seu futuro. Cada um deles, mesmo o menos válidos, encontrou algo a fazer no local. Eles reconstruíram sua vila. Fazem alguns projetos para o futuro.

Anislag, o lugar onde estas casas foram reconstruídas, é nosso **lugar de passagem**. É o testemunho de nossa decisão de deixar o “Egito” do desespero e da ausência para atravessar e ir para a Terra Prometida dos novos começos, novos colaboradores, rumo a um futuro verdadeiro e acessível.

Irmã Maria Teresa MUEDA
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Nigéria

Visita do Superior geral, Padre Grégory Gay
e do Padre Carl Pieber, cm

No dia 8 de janeiro de 2007, o Padre Grégory Gay, Superior geral, acompanhado pelo Padre Carl Pieber coordenador do Escritório de desenvolvimento internacional da Congregação da Missão, chegam à Casa Provincial em Eleme (região sul da Nigéria). As Irmãs das Casas, acompanhadas pelos Padres Michael Ngoka e Eamon Rafteries dão as boas-vindas aos visitantes com alegria e apresentam-lhes o país através de um vídeo e algumas fotografias.

Depois, chega o momento do acolhimento feito por Irmã Olivia Umoh. A Visitadora, Irmã Francesca Edet, expressou ao Padre Grégory o reconhecimento de toda a Província por sua visita e descreveu a história da Província, apresentando os lugares de implantação e os serviços das Irmãs. Ela sublinha o esforço das Irmãs em colaborar com os outros ramos da Família Vicentina.

Em sua resposta, o Superior geral destaca três aspectos importantes de nosso serviço vicentino:

- Estar próximas dos pobres e ir ao encontro deles nas diferentes situações de sua vida.
- Escutá-los e partilhar suas experiências.
- Ser a voz dos sem voz, animando-os para que eles mesmos tomem a palavra.

Recorda também que o serviço deve ser realizado com amor, doçura e compaixão. Finalmente, encoraja as Filhas da Caridade e os Padres da Congregação da Missão a estarem

atentos aos outros ramos da família vicentina e a colaborarem com eles. Em seguida, uma partilha espontânea se estabelece entre o Padre e as Irmãs.

Depois de um tempo de oração preparado pelas Irmãs do Seminário e uma boa refeição festiva, a noite continua com um tempo de recreação e entretenimento: danças culturais, peça teatral tendo como título: “A imitação que mata o macaco”, etc. Enfim, o Superior geral, vestido com uma roupa africana muito elegante, nos levou a uma dança alegre. A noite termina com um canto em honra da Virgem Maria e a bênção do Padre Grégory.

FOTO

No dia 9 de janeiro, durante a celebração a Eucaristia, o Superior geral comenta o Evangelho de São Marcos que apresenta a autoridade de Jesus: *“Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas”*. Em seguida, pergunta: *“Em que medida a autoridade dentro da Igreja segue o exemplo do Cristo em sua missão de ser Boa Nova para os pobres?”* “Em nossa missão, continua ele, *a coerência entre nossas palavras e nossos atos dá credibilidade à nossa missão. Não devemos dominar ou nos sentirmos superiores aos outros, mas ser os servos dos outros*”. Enfim, ele desenvolve a noção de que toda autoridade dá um certo poder. E Jesus exerce este poder expulsando os espíritos maus, por amor. Assim, nós somos chamados a ser pessoas de autoridade à maneira de Jesus e não à do mundo. Só o amor pode vencer o mal. Na Eucaristia, encontramos a força e a coragem para viver como Ele.

Terminada a Eucaristia, nós nos reunimos numa grande sala. Cada ramo da Família Vicentina (Equipes São Vicente, JMV, SSVP,) se apresentou ao Superior geral e partilhou suas experiências de vida no serviço dos pobres, a domicílio, nas ruas, nos hospitais...

FOTO

Agradecemos ao Senhor por este bom tempo passado com o Superior geral que testemunha uma grande simplicidade fraterna.

Irmãs Anastasia EZEDIMBU e Bernadette ONUOHA
Filhas da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Suíça Turca

A Província celebra seus 50 anos!

Friburgo, 19 de março de 2007: grande alegria neste dia em que as Filhas da Caridade celebram o cinquentenário de sua Província!

Na realidade foi no dia 5 de fevereiro de 1957, que a Mère Lepicard veio instalar na Casa da Providência em Friburgo, a 46ª Província da Companhia. A nova Província conta com 18 Casas e 144 Irmãs.

Um pouco da história

Desde século XVIII as Filhas da Caridade estão presentes na região de Genebra. Sob o reinado de Napoleão, Genebra, cidade livre, foi ocupada por um contingente do exército francês. Em 1801, um concordato restabelece a liberdade de culto, e Napoleão impõe um vigário na “Roma protestante” para ativar aí o renascimento do catolicismo. Uma das primeiras iniciativas do fervoroso vigário Vuarin foi pedir Filhas da Caridade, “as verdadeiras da rua do Bac”, para sua nova paróquia. Ele as obtém não sem reticências, e elas chegam a Genebra em 1810. A primeira Irmã Servente veio de Noyon, a cidade natal de Calvin!

As Irmãs dirigirão uma Escolinha de meninas e farão visitas aos doentes católicos a domicílio: são os pobres, e até então, apenas os doentes protestantes tinham direito a cuidados. Mais tarde, elas fundaram um pequeno hospital, de onde elas e os doentes serão perseguidos no tempo do Kulturkampf. Elas voltarão para Genebra em 1929, com suas cornetas, desafiando a proibição de usar um hábito religioso!

São as 3 Irmãs expulsas de Genebra que vêm para Friburgo (1858) abrir um pequeno orfanato, na Providência, e assegurar a visita aos pobres. Daí, elas se expandem em toda a Suíça Romênia, durante quase um século de presença: hospitais rurais, hospícios, grandes e pequenas escolas (em particular nas regiões de domínio protestante), creches, etc., e, depois, engajamentos em pastoral, catequese, capelarias nos hospitais, junto aos refugiados, às pessoas idosas em EMS, serviço médico na prisão, presença e acompanhamento das pessoas marginalizadas... e sempre com a preocupação de viver nosso carisma vicentino: “ir a suas casas”.

Uma Província autônoma

1957: Numa circular de 11 de janeiro, o Padre Slattery, Superior geral, erige a nova Província da Suíça Romênia, com seu Conselho.

Em 50 anos, sobre “terra suíça”, 15 casas serão abertas além das 18, e 23 serão fechadas: mobilidade, disponibilidade...

Em 1970, uma porta se abre nos Camarões: 4 Irmãs partem para lá conduzidas pela nossa primeira Visitadora no final de seu mandato. Rapidamente, a missão cresce, 5 casas se abrem. Algumas vocações nativas se apresentam, e o Camarões se tornará Região da Quase-província em 1986, em seguida, Província autônoma em 2001.

Em 1991, para o 400º aniversário do nascimento de Santa Luísa, nós decidimos festejá-la de um modo original reunindo todas as Filhas da Caridade da Suíça na Casa Provincial: Irmãs da Província de Colônia estabelecidas perto de Friburgo, Irmãs espanholas das Províncias de Pamplona e Madrid São Vicente que trabalham em 5 missões espanholas na Suíça, Irmãs de 4 Comunidades da Província de Turim estabelecidas em Tessin, e as nossas 16 comunidades da Suíça Romênia.

Em 1997, para seus 40 anos, a Província da Suíça Romênia receberá como presente as 4 casas de Istambul e se tornará: “Província Suíça Turca”.

Hoje

Para este dia de festa, tivemos a alegria de acolher Irmã Marie-Bernard Giffard, Conselheira geral e nosso antigo Diretor provincial, o Padre Augustin Martinez. Duas Irmãs representaram Camarões: Irmã Marie-Agathe Pillet, primeira e última Suíça residente ainda lá, e Irmã Céline Tsono, primeira vocação Camaronesa! Seis Irmãs vieram de Istambul (Hospital da Paz e Ginásio São Bento). Duas “Suíças de França” estão presentes, bem como nossa Postulante, Margarita. Que alegria de nos encontrarmos!

Uma apresentação audiovisual retrança a história destes 50 anos. As Irmãs não deixam de acrescentar suas recordações pessoais, como riram!

Durante uma refeição festiva e rica de intercâmbios, escutamos com emoção um grande número de mensagens fraternas enviadas para a ocasião. Irmã Marie-Bernard nos transmitiu então a saudação afetuosa de Mère Evelyne; falou-nos de sua alegria em voltar a viver tempos fortes em nossa Província e formulou votos para o futuro... **escolher viver!** E o Padre Martinez nos expressa sua fiel afeição pela pequena Suíça.

Em seguida, o olhar se volta para o futuro: algumas pistas são evocadas, em particular a ênfase sobre a pastoral de proximidade, um serviço “em rede”, agora que passamos para outros todas as nossas instituições.

Para o louvor de sua glória

Finalmente tudo se culmina na ação de graças durante a Eucaristia celebrada pelo Padre Alain Perez, nosso atual Diretor provincial, acompanhado por seus co-irmãos, os Padres Larrieus e Martinez. Em sua homilia, o Padre retoma as palavras do profeta Isaías (43,18): “*O Senhor fala ao seu povo: Não vos lembreis mais dos acontecimentos de outrora, não recordeis mais as coisas antigas, porque eis que vou fazer obra nova, a qual já surge: não a vedes?*”

Ao final, a Visitadora, Irmã Madeleine Saillard, concluiu este belo dia nos entregando como lembrança, um cartão postal inédito com este pensamento de São Vicente: “*Deus seja bendito porque tem querido que todas as coisas deste mundo sejam incertas e perecíveis, para que busquemos unicamente n’Ele a solidez de nossos sonhos e projetos, logo os acontecimentos nos levam ao bem*”.

Irmã Bernadette **PORTE**
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Congresso da Família Vicentina da Itália

“O amor é possível”
sob a influência da Encíclica *Deus Caritas Est*

Nos dias 20 e 21 de janeiro de 2007, a família vicentina da Itália se reuniu em Roma para um congresso vicentino que teve como tema “O amor é possível”, com o objetivo de estudar a Encíclica *Deus Caritas est* e renovar sua adesão ao magistério de Bento XVI. Este congresso reuniu aproximadamente 650 pessoas (Padres da Missão, Filhas da Caridade, leigos dos diversos ramos da família vicentina), vindas de todas as regiões da Itália, até mesmo as mais distantes: Sicília, Sardenha. Entre os organizadores, é necessário destacar a secretaria das Equipes São Vicente (GVV) de Roma responsável pela logística do Congresso e as numerosas pessoas que asseguraram mil e um pequenos serviços ocultos.

A caridade é uma apologia da fé

O congresso começou com duas conferências de grande valor teológico e espiritual:

- Monsenhor Rino Fisichella, bispo auxiliar de Roma e Reitor da Universidade de Latran, tratou do aspecto teológico da Encíclica *Deus Caritas est* e de seu impacto cultural

sobre a realidade atual, sem jamais se perder na casuística, mas sem excluí-la. Monsenhor Fisichella pôs em evidência a intenção do Papa Bento XVI de ir à própria essência do cristianismo, demonstrando que realmente a caridade é a apologia da fé. Hoje, sobretudo, as obras são a prova da verdade da fé que anima os crentes. O pensamento é reconciliado com a ação, não por uma simples consistência moral, mas pelo dom do Amor de Deus para todo o homem e para toda a vida humana.

- O Padre Eminio Antonello, Visitador de Turim, começou pela leitura de uma página do teólogo suíço, Von Balthasar, tirado do pequeno livreto “Só o Amor é digno de fé”. A intenção do conferencista era demonstrar que a fonte própria do Amor, permanecendo uma exigência fundamental do coração humano, é uma resposta ao Amor de Deus, de acordo com o ensinamento de São João em seu Evangelho. *“Habitados pelo Amor de Deus, podemos olhar o homem em verdade e amá-lo em caridade. A partir deste ponto de vista, o paralelo com São Vicente é evidente”*.

Do amor afetivo ao amor efetivo

O estudo da Encíclica de Bento XVI renovou nos participantes a consciência de sua vocação à caridade: uma graça a receber e uma missão a realizar. Pela tarde, os diferentes testemunhos permitiram experimentar como passar do amor afetivo ao amor efetivo. Estes testemunhos despertaram o interesse dos participantes fazendo-lhes descobrir múltiplas maneiras de viver uma caridade efetiva que não tem limites de espaço nem de tempo:

- O Padre Matteo Tagliaferri, fundador da Comunidade “*Em diálogo*”, demonstrou qual foi a inspiração das fundações vicentinas: seguir e não preceder a Providência. Sobre este ponto, São Vicente foi sempre muito preciso, dizendo que ele mesmo nunca tinha pensado em fundar algo. O Padre Matteo - que fundou diferentes Comunidades na Itália e a duas outras na América Latina - se diz maravilhado ao constatar como suas obras, em favor de jovens dependentes de droga ou de outras formas de escravidão, nasceram sem se saber, e ele deu testemunho de seu reconhecimento por tudo o que o Senhor realizou através dele, apesar de sua incapacidade e de sua pobreza.

- Em seguida, foram apresentados dois testemunhos de Voluntários vicentinos: Giovanna Giuggia di Mondovi, da Província de Cuneo, sobre a experiência de um centro de escuta e de um serviço a domicílio, e Anna Maria Esposito sobre o “Grupo Vi.Vo.” de Nápoles a serviço dos prisioneiros e de suas famílias. Nos dois casos, o fio condutor era a caridade como preliminar, como capacidade de escuta, como atenção, partilha e coragem. A caridade muda o mundo porque ela muda o homem: aquele que dá e aquele que recebe, vive uma experiência de amor.

- Em seguida, Annunziata Rigon Bagarella de Vicenza, membro da Sociedade de São Vicente de Paulo, apresentou sua experiência missionária que deu um impulso internacional à Sociedade de São Vicente de Paul italiana. Frequentando lugares de missão no Terceiro Mundo, ela criou vínculos com a Itália, organizou adoções à distância, programou iniciativas para melhorar a vida material e espiritual dos pobres nos países em via de desenvolvimento.

- Enfim, Emília, membro das Juventudes Mariais de Forte dei Marmi, relatou sua experiência vivida na Eritréia com alguns amigos do A.M.P.E.R. (Amigos da Eritréia), em parceria com as Filhas da Caridade e os Padres da Missão.

No final da tarde, os congressistas tomaram conhecimento da vida de Irmã Giuseppina Nicoli, Filha da Caridade que será beatificada em breve. De origem Lombarda, ela viveu no final do século XIX, na Sardenha. Durante 40 anos, ela trabalhou em favor da educação das crianças e jovens quando a ilha ainda não era conhecida nem socorrida.

“Um Evangelho aberto na página da caridade”

No dia seguinte, a celebração eucarística foi vivida em Igreja, na Basílica de São Pedro com 35 Padres da Missão e Monsenhor Rodé, cm, Prefeito da Congregação para a vida consagrada. Este convidou cada um a ser um “Evangelho aberto na página da caridade” afim de que todos, e particularmente os pobres, possam ler nela tudo o que está escrito para eles: Deus é Amor.

Depois da Eucaristia, o Padre Luigi Nuovo, moderador do congresso, apresentou duas proposições:

- Criar obras em favor dos pobres, como Família Vicentina.
- Viver sempre a unidade entre os que se inspiram no exemplo de Vicente de Paulo e o vêem como fundador, inspirador, mestre, amigo.

No fim do congresso, o Visitador de Turim apresentou o relatório dos donativos recebidos nas diversas Campanhas de Quaresma desde 2002. A oração do Ângelus, rezada na Praça São Pedro com Bento XVI, concluiu este congresso.

Irmã Maria IDA
Filha da Caridade (Província de Turim)

NOTÍCIAS BREVES

Um acontecimento sempre bem presente em nossos corações!

Era a manhã de 21 de novembro de 1996 em Rio Piedras (Porto Rico). Naquele dia, vimos um prédio de seis andares, situado em frente do nosso Colégio, desmoronar-se de repente por causa de uma explosão de gás. Este acidente provocou a morte de inúmeros habitantes do prédio e fez muitos feridos, até mesmo entre as pessoas que andavam na rua. Nosso Colégio também foi atingido, bem como o internato e o lugar onde as Irmãs moravam. Porém, graças à tranqüilidade das Irmãs e dos funcionários, nenhum dos 500 alunos ficou ferido. A Capela do Colégio se transformou rapidamente em hospital para acolher os moribundos e dar os primeiros socorros aos feridos. Durante dez dias, o Colégio se tornou num centro de acolhimento para todos. No dia 5 de dezembro, os Capuchinhos colocaram a sua Escola Santo Antônio, situado perto do nosso colégio, à nossa disposição para nos permitir retomar os cursos. Os Capuchinhos davam seus cursos pela manhã, e nós à tarde. Apesar da morte e do sofrimento, esta tragédia, também, gerou um movimento muito grande de solidariedade em todos os bairros da cidade.

Dez anos depois, ainda falamos deste acontecimento. Depois de um século de presença neste bairro, as Irmãs tiveram que deixar o Colégio em 2001. Mas, em 21 de novembro de 2006, elas voltaram para participar com os moradores do bairro, da “Celebração – Recordação” organizada pela Prefeitura. Depois de uma Eucaristia na Paróquia, o responsável pelo transporte e as Obras públicas destacou o quanto esta tragédia tinha provocado um impulso de esperança graças à coragem de tantas pessoas dentre as quais as Irmãs. Em seguida, uma outra Missa foi celebrada na Capela do Colégio. Com os alunos, nós rezamos não somente pelas numerosas vítimas e suas famílias, mas também demos graças a Deus pela corrente de generosidade e de solidariedade vivida nesta ocasião. (Província da América Central)

NOTÍCIAS BREVES

Uma jornada excepcional em Durrës

Em 1919, a Província da Eslovênia foi erigida. As vocações eram numerosas. Novas instituições abriram-se, a Província estendeu-se na Croácia, na Macedônia e na Sérvia da qual a Vojvodine e o Kosovo. Em 1993, Irmãs Eslovenas são enviadas em missão pela primeira vez em Rreshën, na Albânia. Em março de 1999, foi erigida a Região da Albânia, compreendendo a Albânia e o Kosovo; em abril de 2000, Irmã Mira Berisha foi nomeada Regional. A formação, feita até o momento em língua eslovena pelo Diretor provincial da Eslovênia, é assegurada em língua albanesa desde a abertura do Seminário em dezembro de 2003. O Padre Vittorio Pacitti, cm, italiano e missionário em Rreshën há cinco anos, conhecendo bem a língua do país, foi nomeado Sub Diretor da Região da Albânia, no dia 3 de março de 2007.

No dia 3 de março de 2007, uma Eucaristia festiva reuniu a Visitadora da Eslovênia, Irmã Bárbara Selih, as Irmãs Serventes do Kosovo, as Irmãs das três comunidades da Albânia, as 4 jovens Irmãs enviadas em missão e as 5 outras atualmente no Seminário para celebrar a nomeação do Sub-Diretor, o envio em missão de 4 Irmãs do Seminário e o encerramento do retiro anual das Irmãs da Região. Durante a homilia, o Padre Vittorio nos convidou a amar nossos inimigos e a rezar por nossos perseguidores a fim de sermos perfeitos como nosso Pai celeste é perfeito. Ao final da Eucaristia, Irmã Mira tomou a palavra para agradecer ao Padre Vittorio por ter aceitado generosamente este novo serviço além de suas responsabilidades como Ecônomo provincial e Diretor do Scholasticat em Piacenza, em Roma. A tarde terminou por uma animação festiva preparada pelas Irmãs do Seminário sobre a virtude da obediência. (Região da Albânia).

NOTÍCIAS BREVES

Irmã Ângela e Scotland Yard

Estes dias, uma notícia bastante curiosa apareceu no “Stampa”. (jornal de Turim): alguns funcionários do Scotland Yard vieram em nossa cidade para conversar com Irmã Ângela Pozzoli, Filha da Caridade que, depois de dez anos, trabalha no Serviço Social. A atividade da Irmã e do Voluntariado vicentino da cidade em favor das vítimas da prostituição veio ao conhecimento da polícia inglesa. Na realidade, Irmã Ângela, com as Equipes São Vicente (G.V.V.) cuida das jovens que, para sair da prostituição, denunciam seus protetores, adquirindo assim, o direito à licença de residência (de acordo com o art. 18 da lei italiana sobre a Imigração).

Na cidade de Turim e em seus arredores, Irmã Ângela e seus colaboradores equiparam algumas casas de acolhimento para oferecer a qualquer pessoa que tenha sofrido violências (da qual a de ser vendida várias vezes), reencontrar sua dignidade graças a um trabalho honesto e uma inserção na cidade. De 1996 até hoje: 287 jovens já foram ajudadas, dentre as quais 258 resistiram à tentação de retornar para “a calçada”. Algumas conseguiram adquirir alguns diplomas universitários, outras são agora economicamente autônomas outras ainda conseguiram um bom casamento, todas reencontraram paz e serenidade.

É deste modo que caminhamos rumo a uma colaboração entre a polícia inglesa e a polícia italiana, entre o voluntariado vicentino de Turim e o da Grã-Bretanha, para salvar estas jovens mulheres da escravidão e devolver-lhes a dignidade à qual têm direito, como nosso Fundador São Vicente de Paulo nos ensinou. (Província de Turim)

FONTES E ATUALIDADES

Uma correspondência original
entre Luísa de Marillac e Padre Vicente

A correspondência intercambiada entre nossos Santos Fundadores é muito abundante. Calcula-se em 200 cartas de Luísa ao Padre Vicente e em 400 as de Padre Vicente à Luísa. Nós as encontramos em diferentes obras, em particular nos 8 primeiros volumes do Padre Coste, os “Documentos” e os “Escritos espirituais”.

Pode parecer difícil escolher entre estes “tesouros”. No entanto, graças às visitas aos Arquivos, a escolha se operou. Com efeito, numa vitrina do Seminário, está exposta a cópia de dois autógrafos de nossos Santos Fundadores, *“ofertados para a Nossa honoratíssima Mère Derieux no dia 24 de agosto de 1880 pela secretária de nossa Venerável Mère, Irmã Geoffre, e entregue aos Arquivos da rua do Bac no dia 14 de março de 1994 através da Província da Bélgica”*. Ela foi reproduzida a seguir. Todos os visitantes (Filhas da Caridade, Lazaristas, Religiosos de diversas Congregações, leigos,) que viram este documento, ficaram impressionados por sua apresentação e o conteúdo das cartas suscitou neles um grande interesse. Logo, pareceu-nos bom que todas as Filhas da Caridade, graças aos Ecos, possam partilhar esta descoberta.

O documento apresenta, à esquerda, a carta de Luísa cuja tinta ficou muito pálida, e uma primeira resposta do Padre Vicente, curiosamente escrita por cima da escrita por Luísa. Seria para ganhar tempo?...

À direita, vemos uma segunda resposta do Padre Vicente. Padre Coste dá uma explicação desta originalidade: *“São Vicente tinha escrito sua primeira resposta em volta do mesmo texto de Luísa de Marillac; mas talvez não estivesse bem legível ou ele não tivesse expressado bem o seu pensamento, então ele recomeçou na parte da folha em branco”*. (Coste, Volume 3, página 387, nota 1)

Aqui está a carta de Luísa, extraída dos Escritos espirituais, página 207:

Hoje, domingo (fim de 1646)

Senhor,

Uma pessoa de Fontainebleau nos avisou, há alguns dias, que nossa Irmã Bárbara Angiboust estava com febre desde a (festa) de Nossa Senhora, a de Setembro. E, ontem, de Saint Germain d’Auxerrois, nos mandaram dizer que seu confessor havia falado com uma senhora da paróquia que ela estava moribunda e lhe haviam administrado a Extrema-Unção.⁽²⁾ Concordais, senhor Padre, que em vista de tais notícias lhe enviemos, hoje, uma Irmã? Porque já lhe escrevemos e, faz oito dias, seguiu uma Irmã para lhe servir de companhia. Não recebemos, porém, notícia alguma.

Peço-vos que nos deis logo uma resposta e também, pelo amor de Deus, a vossa bênção, pois sou senhor, vossa mui obediente e agradecida filha e serva.

Luísa de Marillac

Bárbara Angiboust entrou na Companhia em 1634, tinha estado sucessivamente em Paris, Saint Germain em Laye, Richelieu e encontrava-se em Fontainebleau desde agosto de 1646. Numa carta de 21 de agosto de 1646 dirigida a Luísa, Padre Vicente escreveu: ...*A Rainha ordenou-nos mandar-lhe duas Irmãs para a Caridade de Fontainebleau; para contentá-la, escolhi a Irmã Bárbara, com uma outra...*” (Coste - volume 3, página 17)

Quando Luísa soube da doença de Bárbara, apressa-se em escrever ao Padre Vicente e expressar-lhe sua intenção de enviar uma Irmã no mesmo dia. Assim, a enferma terá uma presença junto dela e esta lhe será um apoio. Agindo assim, Luísa demonstra sua atenção para com a Irmã e sua preocupação em socorrê-la por intermediário daquela que enviará. Mas, ela pede o consentimento do Padre Vicente: “*Concordais, senhor Padre...*”. Fazendo isto, Luísa põe em prática o que o artigo 16 das Regras das Irmãs das Paróquias, artigo recordado por Padre Vicente numa de suas Conferências: “*Quando alguma Irmã estiver doente e acamada, avisarão a Superiora o mais tardar no 3º dia da sua enfermidade, para que ela envie alguém a visitá-la e possa fazer o que lhe será necessário*”.

Por outro lado, é impressionante descobrir a compaixão de Luísa expressada numa carta às Filhas da Caridade de Nantes, datada, também, de fim Setembro de 1646: “*Há duas nossas pobres Irmãs que ignoramos se ainda estão vivas ou já morreram: a Irmã Bárbara Angiboust, de Fontainebleau e a Irmã Andréa, de Nanteuil. Disseram-nos que as duas estão nas últimas. Recomendo-as às vossas orações*” (Escritos espirituais, pág. 208). Transmitir assim as notícias, partilhar suas preocupações, pedir suas orações, é manter a comunhão entre as Irmãs distantes umas das outras e fazê-las amar a Companhia.

Luísa pede ao Padre Vicente *para responder-lhe logo*, o que explica talvez a primeira resposta dada por Padre Vicente na mesma carta de Luísa. Ei-la:

Fim de setembro de 1646 ⁽⁴⁾

Mademoiselle,

Seria caridade e encorajamento para as outras Irmãs, se mandásseis alguém para visitar a nossa pobre doente. A Irmã iria de diligência, se houver, e, se não, de barco até Melun; de lá, mais três léguas a pé até Fontainebleau, com alguém que a acompanhe.

Esta primeira resposta do Padre Vicente é muito breve, mas na emergência, ela vai ao essencial. Com efeito, Padre Vicente dá o seu consentimento, sublinhando que o envio de uma moça junto de Bárbara será um testemunho de caridade para com a doente, e assim, as outras Irmãs terão a certeza de que os Superiores se preocupam com suas “filhas” e isto as encorajará nas dificuldades. Apesar da brevidade deste escrito, Padre Vicente tem o cuidado de indicar a dificuldade da viagem de Paris à Fontainebleau, bem como os meios de transporte. Ele se preocupa com a segurança da Irmã recomendando que alguém a acompanhe, já que ela deveria percorrer três léguas (isto é 12 quilômetros) a pé pelo bosque.

Padre Vicente poderia muito bem contentar-se com esta resposta e, portanto, ele escreve uma segunda.

Fim de setembro de 1646

“Estou muito preocupado com a grave doença de nossa pobre Irmã Bárbara. Seria bom mandar-lhe uma Irmã e ajuda para as outras. Podereis, pois, enviá-la, Mademoiselle, pelo coche, se houver, ou de barco até Melun, onde terá oportunidade de seguir segunda-feira ou terça para o porto de São Paulo e de lá terá de ir a pé, pelo bosque até Fontainebleau, onde, não há perigo, neste tempo em que a corte não está. E o coche fica na rua da Cossonnerie”.

Nesta segunda resposta, Padre Vicente começa expressando sua compaixão e a simplicidade em sentir-se tocado pelo estado de Bárbara. O adjetivo “pobre” traduz bem sua sensibilidade. Ele retoma em seguida o início de sua primeira resposta. Ele dá as indicações relativas à viagem; é necessário chegar a Melun e depois Fontainebleau, cidades ao sudeste de Paris, os meios de transporte são o coche (carro a cavalo) ou o barco pelo rio Sena. Ele acrescenta os detalhes de dias (segunda-feira, terça-feira), de lugares (Porto São Paulo, rua da Cossonnerie em Paris). Estes detalhes são preciosos, porque favorecem a rapidez de intervenção junto da doente. No fim desta carta, uma observação de São Vicente suscita nossa curiosidade: “... a pé até Fontainebleau, **onde, não há perigo, neste tempo em que a Corte não está.** Fontainebleau sendo a residência de caça da Corte, o perigo poderia talvez vir da presença de caçadores no bosque...”.

Luísa tendo o consentimento de Padre Vicente, vai enviar, junto de Bárbara, Ana Hardemont que, desde 1641, serve os pobres na Paróquia São Paulo em Paris. Ela ficará apenas pouco tempo em Fontainebleau, já que em 1647, ela foi escolhida para a missão de Montreuil-sur-Mer. Quanto à Bárbara, em junho de 1649, Luísa de Marillac lhe escreve em São Dionísio: “*Minha querida Irmã, louvo a Deus de todo coração, por vos ter restituído a saúde e Lhe suplico vo-la aumentar, para sua glória*”.

FOTO

Os dois autógrafos apresentados traduzem bem a atenção ao outro que Luísa de Marillac e Padre Vicente dão prova em relação às Irmãs, a preocupação que tinham em proporcionar-lhes, diretamente ou não, ajuda e apoio nas dificuldades. Isto é tão admirável que os dois têm muitas responsabilidades, e nesta época, a correspondência toma-lhes muito tempo e as viagens são difíceis. Possa o exemplo deles, nos encorajar, com a ajuda de Deus, a estarmos atentas às pessoas que encontramos e, em primeiro lugar, às nossas Irmãs.

O Serviço dos Arquivos
Irmã Danièle GEORGES
Filha da Caridade

ESPECIAL DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MÈRE GUILLEMIN

Mère Suzanne Guillemin
1906 - 1968

II – AO SERVIÇO DA COMPANHIA

A) A CENTRAL DAS OBRAS

Nas circunstâncias felizes ou difíceis, Irmã Guillemín gostava de repetir sorrindo “*O acontecimento, é Deus*”.

Em 1954, Mãe Lepicard convoca Irmã Guillemín à Casa-Mãe... Depois deste encontro com a Mãe, Irmã Guillemín volta para Tourcoing com uma nova missão, ainda não oficial. Esta missão foi decidida pelo Conselho geral depois de sérias reflexões sobre o conteúdo das Constituições de 1954.

Vejamos este acontecimento! O Eco de janeiro de 1955 oficializa a missão com um grande título: “**A CENTRAL DAS OBRAS DA COMUNIDADE**”¹. A própria Mãe Lepicard se encarregou de comunicar à Comunidade através de uma Circular especial, dizendo que a Secretaria das Obras havia sido transferida para o Orfanato São Luís, 67 rua de Sèvres, a alguns passos da Casa-Mãe. Ele tomará o nome de: “*Central das Obras das Filhas da Caridade*”.

A direção desta foi confiada à Irmã Guillemín. O eco falará mais detalhadamente sobre os serviços que a Central das Obras poderá oferecer às nossas Casas. Precisa-se de tempo para organizar os diversos serviços. Por hoje, nos contentamos em salientar que toda correspondência relativa ao antigo Secretariado das Obras deve ser enviada daqui em diante para a Central das Obras das Filhas da Caridade, 67 rua de Sèvres – Paris 6^e.

Alguns meses mais tarde, uma carta escrita pelo Superior geral, Padre William Slattery à Irmã Guillemín, dará algumas luzes sobre o antigo Secretariado das Obras: “... *As Fichas documentárias da Central das Obras recordam como foi constituído o órgão que preside e dirige. Há 25 anos, nossa Honoratíssima Mãe Lebrun fundou o Secretariado das Obras, dando-lhe um nome, um local e uma Irmã. Durante o último ano mariano, este Secretariado emigrou da rua do Bac para o 67, rua de Sèvres e se transformou em Central das Obras. Hoje, esta Central das Obras está em pleno auge, publicando as Fichas documentários, muito úteis para as diversas atividades de uma Filha da Caridade. Parabênzo e abençoção sua ação e desejo que realize cada vez melhor, a tripla função a qual foi destinada: critério... relação... informação...*”.

Este estímulo do Superior geral confirmou as intuições de Irmã Guillemín referente à missão que lhe foi confiada. Antes de descrever as realizações feitas em seu tempo, um manuscrito destinado à Mãe Lepicard nos ensina como deve fazer e o espírito com o qual deve viver. Alguns trechos deste relatório nos transportam a uma época onde nada é estável, onde uma corrente de renovação passa por todas as coisas, esta corrente leva a inovações mais ou menos arriscadas.

O QUE É A CENTRAL DAS OBRAS

Releiamos as explicações de Irmã Guillemín sobre a missão da Central das Obras:

“Atualmente é necessário esclarecer o que é a Central das Obras a fim de situá-la na nova organização da Comunidade e fixar sua ação e suas relações com as seis Províncias da França. Parece que sua instituição corresponde ao que é, nas dioceses, a Direção das Obras, encarregada da Ação Católica e Social e a coordenação dos esforços de todos os agrupamentos que são um problema para a Igreja e para nós, da Igreja e da Comunidade. A Central das Obras é, portanto, um órgão de estudos, de documentação, de reagrupamento, de pensamentos, de direção no sentido de orientação em tudo o que se refere às Obras”.

Nas linhas seguintes, Irmã Guillemin precisa, com forte convicção, a dependência da Central diante da autoridade:

“A Central está direta e intimamente ligada à Superiora geral da qual é ao mesmo tempo o pensamento técnico, o órgão e o instrumento. Não age em seu próprio nome, nem pelo efeito de uma autoridade que não lhe pertence, mas em nome da Superiora geral e em virtude do mandato que recebeu desta e que lhe dá em matéria de Obras: encarregada de representar, julgar, dirigir, sabendo que toda iniciativa ou diretriz seja tomada de comum acordo com a Superiora geral e submetida a seu julgamento e que tudo se faça de acordo com seu pensamento e suas opiniões”.

Sublinhando a ação efetiva da Central, devido o desenvolvimento, a multiplicidade e a complexidade extraordinária, por causa da separação da França em Províncias, Irmã Guillemin destaca as preciosas vantagens desta separação: um conhecimento mais profundo dos lugares e casas, um conhecimento mais exato dos assuntos e dos vínculos mais pessoais entre estes e a Visitadora.

Sempre preocupada em manter a unidade, ela recorda que toda uma rede de costumes, de relações estabelecidas, continue defendendo a unidade espiritual e comunitária querida por São Vicente; que a autoridade das Visitadoras se exerçam numa determinada linha, de acordo com as diretrizes estabelecidas e esclarecidas na prática; *“ninguém poderia pensar em excluir-se desta”* esclarece ela. *“Parece, no que se refere às Obras, que só uma relação constante com a Superiora geral, através da Central e uma ação combinada e unificada, podem conduzir a um resultado válido”.*

Depois destas considerações que põem em evidência as preocupações referentes à missão que lhe foi confiada, Irmã Guillemin inicia a realização prática. Todo um conjunto de relatórios, de junções, de informações deve ser colocado em prática. É indispensável não se deixar flutuar ao acaso das circunstâncias, mas de especificar bem, fixar a função de cada uma, a fim de evitar descontentamentos e incompreensões, invasões e abstenções e articular as engrenagens necessárias para uma boa transmissão das idéias.

COMO CONCEBER ESTA REDE?

Três linhas servem de apoio: critério, administração, técnica.

Critério: o tempo não é o único que conta na hora de fazer uma obra livremente e sem controle. Cada Obra é inscrita, inserida numa rede de leis, de decretos que trazem interferências e controles diversos. Tudo isto tende ao bem das obras e do usuário, mas cria também obrigações que às vezes são um obstáculo e ao olhar dos quais nem sempre é fácil discernir a decisão a tomar e a conduta a seguir.

Os problemas de ordem administrativos levam os serviços públicos ou privados a enfrentarem-se. A técnica apropria-se de toda ação médica, social, educacional ou outra e

conduz a um controle sancionado pela lei. Os problemas apostólicos são continuamente levados ao estudo pela Hierarquia e pela Ação Católica.

Irmã Guillemin propõe: *“estes problemas devem ser refletidos em comum. As decisões arbitrárias que vêm de uma só pessoa isolada não podem apresentar as garantias suficientes, só o reagrupamento é força e luz”*. Para concretizar seus argumentos, um serviço de estudos e de critérios poderia responder aos problemas do dia por: **um Conselho Nacional das Obras** reunidas, em torno da autoridade geral, as seis Visitadoras da França e a Superiora da Central.

Conselhos técnicos para cada Obra: hospitais, serviço social e cuidados a domicílio, casas de crianças, sanitárias e sociais, educação primária, técnica e rural, infância e juventude.

Estas proposições foram acompanhadas por um outro elemento, o mais importante, a formação e a informação contínua das Irmãs para criar uma união de pensamento e de ação entre elas. São feitas algumas sugestões de acordo com os problemas surgidos da administração ou da pastoral em geral.

Foi necessário apresentar estas preocupações antes da instalação prática da Central porque nada se faz por acaso. Para Irmã Guillemin, *“Deus é tudo”*. Ele tem seu lugar em seus pensamentos e em suas ações. Com esta convicção, nós, suas primeiras companheiras, dizíamos: *“Sim, Deus é tudo”*.

B) INSTALAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA CENTRAL DAS OBRAS

INSTALAÇÃO DESTA NOVA SECRETARIA DAS OBRAS

Para transmitir a mudança do nome da antiga Secretaria das Obras para a sua nova nomeação: Central das Obras, Mère Lepicard o fez solenemente. A leitura da patente foi feita na sala do Conselho com a presença do Conselho geral, das Irmãs nomeadas para esta nova Secretaria e de Irmã Guillemin, a Irmã Servente.

E é a própria Mère Lepicard que mostra à Irmã Guillemin sua nova casa, perto da Casa-Mãe, no nº 67 da rua de Sèvres. Era um antigo orfanato, que se tornou muito pequeno para as necessidades da época. Não foi fechado, mas transferido para um outro bairro de Paris. A Casa mais ampla permitiu realizar antigos sonhos, “criar um lar para jovens trabalhadores, para as crianças de 14 anos, Casas de Filhas da Caridade, que encontrariam aí, não só uma morada, mas um ambiente educativo e familiar”.

Apenas depois, se sabe da impressão de Irmã Guillemin sobre esta visita memorável. A casa estava fechada há meses. A entrada era pouco agradável com seus pavimentos deslocados, rodeados de calçadas remendadas, uma garagem pouco estética unida à Capela rica em estátuas e flores artificiais e os imensos dormitórios com os pisos soltos. Desde este primeiro contato, Irmã Guillemin compreendeu o que devia ser feito. O imediato era morar nesta casa desabitada há meses. Os ratos tinham se instalado e saíam dos antigos solos, correndo por toda parte.

Instalar os locais para a vida da pequena Comunidade, gabinetes para os Serviços que deviam continuar, salas de reunião, Irmã Guillemin com um metro na mão, circulava de alto abaixo nos prédios, combinava as mudanças às quais a antiga casa servia com dificuldade. Com seu senso artístico, remediou as irregularidades, facilitou o acesso, estabeleceu um mínimo de conforto para a vida comunitária.

Segundo os planos estabelecidos, era necessária uma mão-de-obra. Foi o Mestre Matran, chamado Senhor Lucien que preencheu sua expectativa. Um outro ocupante muito necessário para desalojar os muitos ratos foi: Crapoton, o gato! Todas as manhãs, se colocava diante da porta do gabinete de Irmã Guillemín. Um pequeno sinal e uma frase curta: “Crapoton, agora ao trabalho”, Crapoton compreendia esta linguagem, levantava seu rabo e ia para o sótão.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Rapidamente, Irmã Guillemín compreendeu o lugar que a Central, em nome da Companhia, devia ter na realização de sua vocação. Alguns serviços funcionavam com eficiência desde a sua fundação, outros deviam nascer com os sinais do Senhor pelos problemas de vida e de ação que traziam as Obras e enfrentar, na mesma luz, as soluções próprias. Duas preocupações principais deveriam levar a um resultado: a organização administrativa e a vida comunitária das Irmãs em real responsabilidade de acordo com suas competências.

A organização administrativa termina com a instalação dos serviços específicos, com uma Irmã a frente deste serviço. As Visitadoras da França fizeram os sacrifícios necessários. Ao final de algum tempo, Irmã Guillemín, com muita modéstia, pode oferecer à Mère Lepicard o funcionamento do sistema, incluindo as responsabilidades:

- Os hospitais, as escolas de enfermagens, o serviço social e os cuidados a domicílio,
- As casas de crianças: sanitárias e sociais,
- A educação com seus diferentes ramos e a formação religiosa,
- Infância e juventude das quais as colônias de verão, as Filhas de Maria, as Luísa de Marillac.

O real problema era o da formação, não só a nível profissional, mas espiritual e vicentino. Cada serviço era importante; Irmã Guillemín pedia para refletir “*profundamente*”, pois tudo era urgente. Na época em que ela escrevia estas linhas, o Secretário geral da Ação católica, Monsenhor Guerry, Arcebispo de Cambrai, fez uma longa conferência sobre o “O papel apostólico e missionário da Igreja no mundo contemporâneo” por ocasião da abertura dos cursos do Centro de estudos religiosos. Uma seqüência se dirigia às famílias religiosas: ... *“A missão apostólica da Igreja é realizada por numerosas famílias religiosas que, através do mundo e nas missões, respondem por suas obras de ensino e educação, de ação hospitalar e social, a todas as necessidades materiais e físicas, morais, intelectuais, espirituais da humanidade: crianças, jovens, pobres, enfermos, idosos. Por elas, a Igreja está presente em todos os sofrimentos dos homens e espalha a caridade de Cristo...”*. Para apoiar sua apresentação, o Arcebispo expressou as condições essenciais: *“O sentido e o amor à Igreja, a docilidade à hierarquia, a generosidade do coração, o tato e a prudência sobrenatural, a coragem para dar testemunho da verdade de Jesus Cristo, um grande amor pela verdade... Amar a verdade é buscá-la com uma fé ardente em suas meditações pessoais e laboriosamente em estudos doutrinários, teológicos sempre mais aprofundados...”* (18 de novembro de 1957, Casa da química).

Estava claro, o caminho estava traçado para responder a todas as preocupações já enumeradas no informe à Mère Lepicard: formação em todos os níveis, doutrinário e teológico, profissional de acordo com os serviços; voltar “às fontes” na fé para melhor compreender o plano de Deus; promover e intensificar as relações com os outros Institutos, não ficar “isolada” parecia responder a uma necessidade de ajuda mútua. Este programa, Irmã Guillemín o realizará com suas Irmãs da Central.

MEIOS DE INFORMAÇÃO E DE FORMAÇÃO

As Fichas Documentárias

A fórmula era original. Irmã Guillemín sentia claramente a necessidade de informar as Irmãs, de uma maneira regular sobre o funcionamento das obras das quais elas tinham a responsabilidade. No início de 1957, os primeiros números foram publicados. Irmã Guillemín expõe, ela mesma, com clareza, o primeiro número “instrumento de trabalho, uma atualização mensal, um veículo do pensamento das obras. Cada número terá aproximadamente vinte páginas de cores diferentes de acordo com as categorias...”. Cada Irmã da Central devia de acordo com sua especialização, contribuir na elaboração destas Fichas que terão informações estritamente necessárias, depuradas de todo o inútil; serão lidas em todas as casas, sem substituir as revistas específicas que as Filhas da Caridade devem usar de acordo com sua linha de Ação.

No dia 29 de janeiro de 1957, as Fichas Documentárias voaram para as casas. O Padre Slattery, ao receber os primeiros números, o agradeceu com esta frase: *“A Central das Obras presta assim um precioso serviço à Igreja e à Comunidade”*.

Os Encontros

Os Encontros em nível nacional eram para Irmã Guillemín um meio poderoso para criar uma união de pensamento e de ação entre as Irmãs das diferentes Províncias. É necessário, dizia ela, organizar o quanto antes, Encontros cujos programas, duração, especialização irão se solidificando à medida em que as experiências permitirem avançar nesta via ainda relativamente nova na Comunidade. Ela fala sobre isto com suas companheiras, o fogo pegou e, vemo-las partirem com mil idéias!

Mas, para realizar estes Encontros, era necessário ter uma Casa! É a paróquia de Saint Médard que salva a situação oferecendo o “castelo de Ballainvilliers” a 25 km de Paris. O castelo supracitado que manteve sempre seu nome havia desaparecido ao longo dos séculos. Sem a preocupação de conservar seu estilo, tinha-se flanqueado dormitórios amplos nos três andares e, do outro lado, uma grande Capela construída na entrada da horta. E recomeça-se: camundongos e ratos nas salas, corujas na chaminé, umidade nas paredes e as Irmãs com a Irmã Servente à frente, limpam as paredes, os pisos, os azulejos que ainda existiam. Nenhum aquecimento central, mas um fogão que levava o seu calor para a sala de conferência, de acordo com vento.

Na primavera de 1957, tudo devia estar pronto para receber o primeiro Encontro. Surpresa! As camas não chegaram. Uma real preocupação começou a se manifestar. *“Tudo o que eu sei, afirma Irmã Guillemín com sua imperturbável confiança, é que o Encontro se realizará e que as Irmãs terão suas camas!”*. As famosas camas chegaram à tarde. Ela começou a montá-las com esta facilidade que lhe era própria. Como armários e mesinhas, as Irmãs, destes históricos começos, deviam contentar-se com as caixas de embalagem da roupa de cama. O bom humor não se alterou! Todas estas pequenas dificuldades, longe de dramatizá-las, Irmã Guillemín, por seu exemplo, ensinou a olhá-las pelo lado bom: *“tudo acaba por arranjar-se”* dizia sempre.

Quando as Irmãs destes primeiros Encontros desciam do carro e se reuniam na grande sala, encontravam sua mesinha com o seu nome, um postal, o horário do Encontro. O acolhimento feito pela Irmã Servente serena e sorridente, criava o ambiente.

O Padre Slattery e Mère Lepicard honravam cada Encontro com sua presença.

Perfil destes Encontros

No início, elas tiveram um caráter mais informativo do que formativo: era necessário retomar os temas do ponto de vista religioso, doutrinal e profissional em todos os âmbitos. Alguns especialistas foram contactados e a ajuda nunca foi recusada, em particular pelos Padres da Missão. Depois, veio uma perspectiva de atualização, esta reciclagem era ao mesmo tempo centrada sobre as pessoas e a Comunidade: sobre as pessoas para ajudá-las a tomar consciência de uma possível mudança em relação à vida e resolver os problemas por meio desta; ou bem sobre a Comunidade para exercitar as Irmãs a uma reflexão e a um verdadeiro trabalho de equipe². Rapidamente acrescentou-se a idéia de relançar “um segundo sopro”, particularmente nos Encontros das Irmãs de 10 e 25 anos de vocação, a fim de ajustar-se a uma nova situação e de renovar-se para o futuro em resposta a um mundo em mutação. Irmã Guillemin ficará cada vez mais impressionada pelo fato de que nossos problemas estão simplesmente em nosso nível, os do mundo e da Igreja de hoje: o essencial será não tanto de cuidar dos males, mas de nos “renovar” no seio mesmo deste estudo e deste trabalho universal: *“Não temos que renovar-nos em função de nós mesmas, mas em função da Igreja, para melhor servi-la”*.

E é assim que todas as atividades apostólicas foram levadas em conta: o setor hospitalar, o serviço social, a educação, a catequese, as casas de crianças, as Filhas de Maria e as Luísa de Marillac tinham sua pedagogia própria com as revistas, os congressos, os retiros.

É importante acrescentar que, desde os primeiros Encontros, Irmã Guillemin gostava de aproveitar deste para levar as Irmãs à Catedral de Chartres sob a direção do querido Irmão Ricardien, porque “tudo nela falava de enraizamento”. Para ela, era um verdadeiro voltar às fontes, sobretudo, quando pensava que o próprio São Vicente havia rezado nestes lugares e pedido a Santa Luísa de Marillac, indo para Angers, de parar em Chartres para confiar a Deus esta fundação e a pequena Companhia.

As solenidades do Tricentenário permitiram à Irmã Guillemin organizar um Encontro com 600 Irmãs Serventes em Sessão para um aprofundamento em comum da qual participaram os Superiores gerais e seu Conselho.

As estudantes dos começos

Diante das crescentes exigências das administrações, a obrigação cada vez mais urgente dos diplomas necessários para garantir a competência profissional, as Irmãs foram chamadas para estudos. Mère Lepicard pediu à Irmã Guillemin para encarregar-se por esta organização que exigiu um verdadeiro esforço físico e intelectual de um ou dois anos. Com um grande espírito de fé, Irmã Guillemin preparou suas companheiras para a chegada de Irmãs estudantes: *“É preciso que as recém-chegadas se sintam perfeitamente em casa, participando plenamente da vida da Central”*. O que importava as instalações tão resumidas das primeiras promoções, onde os corredores dos dormitórios serviam de salas de estudos, atravancadas pelos livros e os cadernos, os manequins dos alunos do técnico ou os painéis da catequese colocados encima das camas? Não havia comodidade, mas a solidariedade fraterna diminuía as dificuldades.

As cinco primeiras estudantes integraram a Escola de Administração hospitalar. Irmã Lucie Rogé, ajudante da Diretora, Mère Jean du Sacré-Coeur, cuidou ativamente desta primeira promoção que se chamava “as pequenas administradoras”. Rapidamente,

acrescentou-se a esta promoção outras categorias de estudantes da França: um complemento de formação profissional de alguns meses, um estágio de três meses para tal exame e uma categoria importante para o Instituto Católico. A Central se abre ao exterior: no Brasil para a Escola de Administração, no Oriente Médio com seus numerosos países para a Pedagogia, na Ásia para a música e a doutrina; na Suíça, Madagascar, Japão e outros para a formação doutrinal no Instituto Católico. O período dos exames permaneceu na Central. Durante todo o mês de junho, as grandes manobras aconteciam na Escola de Administração, no Instituto Católico, no Instituto Catequético, nas diversas Escolas especializadas. Toda a casa se mobilizava para rezar.

Para terminar esta presença “estudantil” que tinha seu caráter de emoção, ficou decidido que o aprofundamento vicentino seria feito no Seminário, todos os sábados, assistindo à instrução da Irmã Diretora que era Irmã Midon.

C) A INFLUÊNCIA DE IRMÃ GUILLEMIN

Foi na qualidade de Superiora da Central que Irmã Guillemin foi rapidamente membro dos órgãos diretores da UNCAHS (União Nacional das Congregações de Ação Hospitalar e Social), da UREP (União dos Religiosos Educadores Paroquiais) da qual foi Presidente nacional, duas das três Uniões apostólicas das religiosas da França. Desde esta época, Irmã Guillemin estava convencida da necessidade de uma colaboração entre os Institutos religiosos no plano apostólico. As relações expandirão amplamente este marco da vida religiosa, a partir de sua vocação própria. *“Também nós, Filhas da Caridade, estamos no centro de numerosas mudanças... Ponto de resultado e de encontro de múltiplas respostas aos apelos, também sinal de união... Relações de ordem técnica, administrativa ou caritativa... Revisemos estas relações à luz das de São Vicente, persuadindo-nos de que nossas gestões, nossas conversações, até mesmo as mais técnicas, devem acontecer neste clima de humildade, lealdade, caridade que o mundo espera sempre da Filha da Caridade”*³.

Concretamente, Irmã Guillemin buscou responder na medida do possível, a todos os apelos de organismos, seja da Igreja, seja do Estado, públicos ou privados. Houve, nesta época, uma abertura no plano internacional por sua participação no Gabinete Católico Internacional da Infância. Por toda parte ela levou seu julgamento reto e realista, apoiado em sua experiência e nas sérias reflexões que ela lhes inspirava, o tino espiritual nunca lhe faltou.

Neste contexto das relações, é necessário dar um lugar especial ao Comitê nacional da Missão Operária cujo Secretário-geral foi Monsenhor Boné. Ele escreveu à Irmã Guillemin: *“Dirijo-me a você para que ocupe o posto de delegada da Assembléia de religiosas no Conselho Nacional da Missão Operária; encarregar-se-á de estabelecer o vínculo entre a União dos Superiores Maiores, as três Uniões e a Secretaria da Missão Operária”*. Isto foi em outubro de 1960. Irmã Guillemin não escondeu sua alegria diante deste apelo que correspondia tão bem às suas idéias sobre o serviço dos pobres. Entre os trabalhos que preparou, o de 1961 merece ser mencionado, em algumas reflexões reveladoras do espírito de Irmã Guillemin: abertura à Igreja, abertura apostólica, abertura ao mundo operário, em tudo, a contribuição espiritual e comunitária. Escreve: *“Que tenhamos uma visão mais justa da santidade dos leigos, uma visão mais justa de nossa consagração a Deus, ao seu reino, bem além da moral e do social”*.

A influência espiritual de Irmã Guillemin era perceptível no exterior e no interior de sua Comunidade, era a Irmã Servente atenta a cada Irmã, facilitava a tomada de consciência de problemas árdus com opiniões muito simples como uma manifestação de sua própria riqueza interior. Em nenhum momento podíamos duvidar dos pensamentos transmitidos,

compreendendo facilmente que se tratava da sóbria repetição de sua relação pessoal com Deus:

*“Demo-nos a Deus para servir-Lo corporal e espiritualmente,
Demo-nos a Deus na linha de nossos Santos Votos,
Demo-nos a Deus para estarmos despojadas de toda amarra,
como não possuindo nada nesta vida,
Demo-nos a Deus para ver na castidade que...
Deus quer que só amemos a Ele.
Demo-nos a Deus para praticar a obediência...
para renovarmo-nos em sua palavra”.*

(continua)

Irmã Claire **HERRMANN**
Serviço dos Arquivos

Notas

- 1 Nesta época, falava-se da Companhia dizendo “a Comunidade”.
- 2 Trecho do livro da vida de Mère Guillemin.
- 3 À suas companheiras da Central.

COBERTURA 3

Irmã Ana,
Peço-vos ter bastante cuidado com nossas Irmãs,
como Irmã Servente,
e elas, a terem-no reciprocamente convosco,
como filhas de Nosso Senhor,
considerando-O em vós e vós Nele.

Enfim, vivei juntas como tendo um só coração e uma só alma,
A fim de que por essa união de espírito,
Sejais verdadeira imagem da unidade de Deus,
como o vosso número representa as três pessoas
da Santíssima Trindade.

Peço para esse efeito ao Espírito Santo
que é a união do Pai e do Filho, que seja igualmente a vossa,
que vos dê uma profunda paz
nas contradições e dificuldades.

Nota: Carta do Padre Vicente a Ana Hardemont, em Hennebont.
As duas outras Irmãs são Bárbara e Genoveva Doinel.
«Documentos », pág. 675